



literatura
livre

O retorno

ANDREI
PLATONOV

Возвращение (1946)

Tradução: Francisco de Araújo

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • RUSSO

Sesc



— •
literatura
livre

O retorno

Andrei Platonov

Edição Bilingue

Sesc org
mojo

— •
literatura
livre

O retorno

Andrei Platonov

Tradução:
Francisco de Araújo

Edição Bilingue
Português-Russo

sesc **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P718 Platonov, Andrei (1899-1951)
O retorno / Andrei Platonov. Tradução de Francisco de Araújo. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: Возвращение. Edição bilíngue: Português - Russo.

ISBN 978-65-89008-26-2

1. Literatura Russa 2. Conto. 3. Questões Sociais. 4. Rússia. 5. Guerra.
6. Família. I. Título. II. Série. III. Araújo, Francisco de, Tradutor. IV.
Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre. VI.
Klimentov, Andrei Platonovich (1899-1951).

CDU 821.161

CDD 899.7

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

O retorno

O retorno	7
-----------------	---

Возвращение	59
-------------------	----

Manifesto pela democratização	
do domínio público	105
Literatura Livre	106
Instituto Mojo	107
Ficha técnica	108

Data da escritura: 1945. Fonte: A. P. Platonov. Smerti net!
Contos e artigos de 1941 a 1945. — Moscou: Vremia, 2010.

 capitão da guarda Aleksei Aleksêievitch Ivanov havia sido desmobilizado e estava deixando o exército. Na unidade em que serviu durante toda a guerra, despediram-se dele, como era para ser, com tristeza, com amor e respeito e com música e vinho. Os camaradas e amigos mais chegados acompanharam Ivanov até a estação ferroviária e, lá, depois dos últimos abraços, deixaram-no sozinho. Mas o trem atrasou longas horas, e, depois de passadas essas horas, atrasou outras tantas. A fria noite de outono já havia caído. A estação fora destruída na guerra e ele não tinha onde passar a noite, então Ivanov pegou uma carona e voltou para a sua unidade. No dia seguinte, os companheiros de Ivanov fizeram outra despedida; tornaram a entoar canções e a se abraçar com aquele que partia, em sinal de eterna amizade, só que, dessa vez, o círculo de amigos era menor e todos foram mais breves ao declararem seus sentimentos.

Depois Ivanov foi pela segunda vez à estação. Lá, ele soube que o trem do dia anterior ainda não havia chegado e, talvez, ele pudesse voltar à sua unidade para mais um pernoite. Mas seria constrangedor passar por uma terceira

despedida, incomodar os camaradas, então Ivanov ficou no desértico asfalto da plataforma em triste espera.

Perto da última seta de comutação, a cabine de controle das agulhas ainda se encontrava de pé. Uma mulher de casaco acolchoado e xale de inverno estava sentada em um banco ao lado da cabine. Ela estava lá ontem, sentada com suas coisas, e ainda permanecia à espera do trem. Ontem, quando estava prestes a voltar a pernoitar na unidade, Ivanov pensara que talvez devesse ter convidado essa mulher, ela poderia ter dormido com as enfermeiras numa casinha aquecida em vez de ficar ali, solitária. Por que deixá-la passar frio a noite inteira? Será que poderia se aquecer na cabine do agulheiro? Mas, enquanto Ivanov pensava essas coisas a respeito da mulher, o carro que tinha lhe dado carona partiu e ele acabou desistindo da ideia.

Aquela mulher, imóvel da mesma maneira, encontrava-se no mesmo lugar de ontem. Perseverança e paciência que davam prova da lealdade e da constância do coração das mulheres; ao menos em relação às suas coisas e à própria casa, para onde ela certamente estava retornando. Ivanov resolveu se aproximar: ela talvez ficasse menos entediada na companhia dele do que sozinha.

A mulher virou o rosto na direção de Ivanov e ele a reconheceu. Era a moça a quem chamavam de “Macha, a filha

do balconista de vestiário”, porque era assim que ela havia se chamado uma vez, sendo realmente a filha de um funcionário de uma casa de banho russo, um balconista de vestiário. Ivanov a tinha visto vez ou outra durante a guerra, quando visitava um dos Batalhões de Serviço Técnico-Aeródromo, onde essa Macha, filha de um balconista de vestiário, trabalhava no refeitório como auxiliar do cozinheiro na condição de livre assalariada.

Nessa hora, a natureza outonal ao redor deles era desalentada e triste. Não se sabia onde, naquele enorme espaço cinza, achava-se o trem que deveria levar Macha e Ivanov dali para casa. E, para entreter e confortar um coração humano, só mesmo outro coração humano.

Ivanov animou-se ao travar conversa com Macha. Ela, com suas mãos grandes de trabalhadora e seu corpo jovem e saudável, era graciosa, de alma simples e muito gentil. Ela também voltava para casa e pensava em como seria começar a viver uma nova vida civil; já estava acostumada às suas amigas militares e aos pilotos, que a amavam como a uma irmã mais velha, davam-lhe chocolates de presente e a chamavam de “Grande Macha”, por sua altura e seu coração, que, como o de uma verdadeira irmã, podia acolher com amor igual a todos os irmãos, e não um ou outro em particular. Mas agora era insólito, estranho, e até assustador

para Macha ir para casa para morar com parentes dos quais já se desabituara.

Agora, fora do exército, Ivanov e Macha sentiam-se como órfãos. Mas Ivanov não aguentava ficar muito tempo triste e desanimado. Ele imaginava que, nessas horas, enquanto ele era apenas um pateta carrancudo, alguém estava de longe rindo às suas custas e sendo feliz em seu lugar. Por isso tratava logo de cuidar da vida e achava para si um passatempo ou um consolo, ou, como ele próprio dizia, agarrar-se à alegria que estava à mão — e com isso podia escapar do desânimo.

Ele se aproximou de Macha e pediu que ela lhe permitisse um beijo de camarada na face.

— Unzinho só — disse ele. — É que o trem não chega e está muito chato ficar aqui esperando.

— Só porque o trem está atrasado? — perguntou Macha, olhando atentamente para o rosto de Ivanov.

O ex-capitão aparentava ter uns trinta e cinco anos; a pele de seu rosto, castigada pelo vento e queimada de sol, era acastanhada; seus olhos cinzentos olhavam para Macha com despreensão e até mesmo com acanhamento. Embora fosse direto ao falar, Ivanov era gentil e cortês. Macha gostou de sua voz grave e rouca de homem mais velho, de seu rosto escuro e rude e da expressão de força e desamparo estampada

nele. Ivanov apagou a brasa do cachimbo com o polegar, que era insensível ao calor fumegante, e suspirou como se esperasse permissão. Mas Macha se afastou dele. Ivanov cheirava fortemente a tabaco, a pão seco e um pouco a de vinho — substâncias puras, as quais ou provieram do fogo ou seriam elas mesmas capazes de originá-lo. Era como se Ivanov só se alimentasse de tabaco, pão seco, vinho e cerveja.

Ivanov repetiu seu pedido.

— Vou com cuidado, Macha, sem invadir... Imagine que sou seu tio.

— Imaginei, já... Mas que é meu pai, e não meu tio.

— Olha só... Então vai me permitir...

— Os pais não pedem permissão às filhas — Macha riu ao dizer isso.

Mais tarde, Ivanov admitiria nunca ser capaz de se esquecer do cheiro de folhas de outono caídas na floresta que tinham os cabelos de Macha... Afastando-se da linha férrea, Ivanov acendeu uma pequena fogueira para fritar ovos para o jantar dele com Macha.

À noite, o trem finalmente chegou e logo partiu, levando Ivanov e Macha ao seu destino, à sua terra natal. Eles viajaram juntos dois dias e, no terceiro, chegaram à cidade em que Macha havia nascido vinte anos atrás. Ela recolheu suas coisas no vagão e pediu a Ivanov que a ajudasse a acomodar o

alforje em suas costas, mas Ivanov pegou o alforje e, embora tivesse que viajar ainda mais de um dia até seu destino, saiu do vagão atrás dela com ele nos ombros.

Além de surpresa, Macha ficou tocada com a atenção de Ivanov. Ela estava com medo de ficar subitamente sozinha na cidade em que havia nascido e vivido, mas que agora se tornara para ela quase terra estrangeira. Os pais de Macha haviam sido levados dali pelos alemães e morrido não se sabia onde nem como. Assim, restavam em sua terra natal apenas uma prima e duas tias, pelas quais Macha não tinha apego verdadeiro.

Ivanov formalizou com o comandante da estação sua parada na cidade e ficou com Macha. Era de se imaginar que ele fosse logo para casa, onde o esperavam a esposa com seus dois filhos, os quais não via há quatro anos. Mas Ivanov adiou o alegre e ansioso momento de se encontrar com a família. Ele mesmo não sabia por que estava fazendo isso — talvez porque quisesse aproveitar um pouco mais a sua liberdade.

Macha não sabia o estado civil de Ivanov e, por timidez de moça, não fez perguntas a esse respeito. Ela confiava em Ivanov por bondade de coração e não se preocupava com isso.

Dois dias depois, Ivanov seguiu viagem para sua terra natal. Macha o acompanhou à estação. Ivanov a beijou como de costume e prometeu guardar a imagem dela na memória para sempre.

Macha sorriu em resposta e disse:

— Para que lembrar de mim para sempre? Não precisa disso, você certamente vai me esquecer... E eu não estou pedindo nada a você, me esqueça.

— Minha querida Macha! Onde você estava? Por que não a conheci há muito, muito tempo?

— Antes da guerra, eu estava na escola, e há muito, muito tempo eu nem sequer existia...

O trem chegou e eles se despediram. Ivanov partiu sem ver que Macha, ao ficar sozinha na estação, chorou porque não podia se esquecer nem das amigas e nem dos camaradas, cujos caminhos haviam se cruzado ao seu pelo menos uma vez.

Ivanov olhou pela janela de seu vagão para as casinhas daquele povoado que dificilmente voltaria a ver; e se lembrou de que era numa casinha como aquelas, em outra cidade, que viviam sua mulher Liuba com os filhos Pétia e Nástia,¹ os quais o esperavam. Ele havia mandado um telegrama para a mulher quando ainda estava em sua unidade, dizendo que

1 Os russos costumam empregar formas derivadas dos nomes próprios nas relações mais ou menos íntimas. A cada nome equivale uma série de variações. Assim, Nástia (Nastka, Nástienka) é Anastassia, Pétia (Petruchka) é Piotr, e Liuba: Liubov, Aliocha: Aleksei, Macha: Maria, Senka: Semión .

chegaria em casa sem atraso e que não via a hora de dar um beijo nela e nas crianças.

Liubov Vassílievna, a esposa de Ivanov, foi três dias seguidos à estação para encontrar todos os trens que chegavam do Oeste. Ela havia pedido licença no trabalho, deixado de cumprir sua meta de produção, mas estava tão alegre que nem conseguia dormir à noite, passava-a em claro enquanto ouvia o pêndulo do relógio de parede se movimentar lenta e indiferentemente. No quarto dia, Liubov Vassílievna voltou ao trabalho, mas, para esperar o pai durante o dia, mandou Piotr e Nástia à estação. Já o trem noturno, ela mesma iria esperar de novo.

Ivanov chegou no sexto dia. Quem o encontrou foi seu filho Piotr. Petruchka estava agora com doze anos e o pai não o reconheceu de imediato naquele adolescente sério que parecia ter mais idade do que seu filho. O pai viu que Piotr era um rapazinho magro e baixinho, mas de cabeça grande e testa ampla; seu rosto era tranquilo, como se já acostumado às preocupações da vida, e seus pequenos olhos castanhos olhavam para o mundo com sisudez e descontentamento, como se em toda parte eles só vissem desordem. Petruchka estava vestido e calçado com decência: suas botas eram surradas, mas ainda serviam; as calças e o casaco eram velhos, feitos das roupas civis de seu pai, mas sem buracos — um cerzido

aqui, um remendo ali, onde fosse necessário — e, assim, Petruchka se parecia com um pequeno mujique, modesto, mas bem cuidado. Seu pai ficou surpreso e deu um suspiro.

— Você é o meu pai? — Petruchka perguntou, um segundo antes de Ivanov abraçá-lo e, levantando-o, beijá-lo.
— Ah, então é!

— Sim, sou eu. Olá, Piotr Aleksêievitch!

— Olá. Por que demorou tanto? Nós esperamos, esperamos.

— Foi o trem, Pétia, que veio muito devagar. Como estão a sua mãe e Nástia: vivas e com saúde?

— Estão bem — respondeu Piotr. — Quantas insígnias você tem?

— Duas, Pétia, e três medalhas.

— A mãe e eu pensamos que seu peito estivesse todo coberto. A mãe também tem duas medalhas, ela as ganhou por mérito no trabalho. Por que tão pouca coisa? Só uma bolsa?

— Não preciso de mais do que isso.

— É difícil lutar se tiver um baú de viagem? — perguntou o filho.

— É difícil — confirmou o pai. — É mais fácil com uma bolsa. Lá, ninguém tinha baú.

— Pensei que tivessem. Se fosse eu, guardaria as minhas coisas num baú. Em bolsas, as coisas se quebram, se amarrota.

Piotr pegou o alforje do pai e saiu na frente, levando-o para casa. Ivanov foi caminhando atrás dele.

A mãe os encontrou no alpendre de casa. De novo, ela havia pedido licença do trabalho, como se estivesse sentido em seu coração que o marido chegaria naquele dia. Da fábrica, primeiro ela passou em casa para depois ir à estação. Ela receava que Semión Ievsêievitch tivesse aparecido para uma visita. De vez em quando, ele gostava de passar durante o dia, tinha o hábito de aparecer no começo da tarde e passar um tempo com Petruchka e a filha de cinco anos, Nástia. É verdade que Semión Ievsêievitch nunca chegava de mãos abanando, sempre trazia alguma coisa para as crianças — ou balas, ou torrões de açúcar, ou um pedaço de pão branco, ou um cupom para as lojas de roupas e calçados. Liubov Vassílievna nunca vira nada de mau partir de Semión Ievsêievitch; conheciam-se há três anos e, nesse tempo, Semión Ievsêievitch sempre fora bondoso com ela e sempre tratara as crianças como um legítimo pai, era até mais atencioso que muitos pais. Mas Liubov Vassílievna não gostaria que seu marido cruzasse com Semión Ievsêievitch hoje. Ela arrumou a cozinha e a sala, pensando em deixar a casa limpa e sem coisas alheias. Mais tarde, amanhã ou depois de amanhã, ela mesma contaria a verdade ao marido, diria como tudo aconteceu. Felizmente, Semión Ievsêievitch não apareceu.

Ivanov se aproximou da mulher, envolveu-a com os braços e ficou assim por um tempo, sentindo o calor esquecido, mas familiar da pessoa amada.

A pequena Nástia saiu para o alpendre e, ao ver o pai, do qual ela não se lembrava, começou a empurrar suas pernas para afastá-lo da mãe, e então se pôs a chorar. Petruchka ficou em silêncio ao lado do pai e da mãe, com o alforje do pai nos ombros. Depois de esperar um pouco, ele disse:

— Chega disso, vocês dois, senão Nástia vai ficar chorando. Ela não entende.

O pai se afastou da mãe e tomou Nástia nos braços. Ela chorava de medo.

— Nastka! — chamou-a Petrushka. — Pare com isso. Estou falando com você! É nosso pai, ele é parente nosso!

Já em casa, o pai se lavou e se sentou à mesa. Depois esticou as pernas, fechou os olhos e sentiu uma alegria tranquila no coração, uma satisfação pacífica na alma. A guerra havia acabado. Nos anos de batalha, suas pernas tinham percorrido milhares de verstas, seu rosto ganhado vincos de cansaço e seus olhos, mesmo sob as pálpebras, haviam sentido dores lancinantes — eles agora queriam descansar na escuridão ou ao menos na penumbra.

Enquanto Ivanov estava sentado, toda a família se agitava entre a sala e a cozinha, preparando algo especial para

comer e celebrar. Ele observou um após outro, todos os objetos da casa: o relógio de parede, o armário para louças, o termômetro num canto, as cadeiras, as flores nos peitoris das janelas, o forno de cozinha... Eles haviam passado muito tempo aqui sem ele, sentindo sua falta. Mas Ivánov agora estava de volta e olhava para eles, como que conhecendo de novo cada um, como parentes que sem ele haviam vivido na pobreza e no desalento. Ele inspirou o cheiro familiar que se mantivera na casa, da lenha queimando, do calor dos corpos dos seus filhos, da fumaça que saía do forno. Esse cheiro, o mesmo de quatro anos antes, não tinha se dissipado nem se alterado. Ivanov não sentira esse cheiro em nenhum outro lugar, embora tivesse passado por diversos países e centenas de moradias durante a guerra; lá o cheiro era outro e não havia as qualidades do cheiro de sua casa. Ivanov se lembrou ainda do cheiro de Macha, do odor de seus cabelos; mas eles cheiravam a folhas no bosque, a uma estrada desconhecida, coberta de grama, não a casa, mas a alguma coisa que lhe trazia de volta a vida errante. O que ela estaria fazendo agora e como teria se estabelecido a vida civil de Macha, filha do balconista de vestiário? Que Deus esteja com ela.

Ivanov pôde perceber que, de todos da casa, Petruchka era quem mais fazia. Além de trabalhar ele próprio, orientava a mãe e a irmã sobre o que devia ou o que não devia ser feito

e como fazer para que desse certo. Nástia obedecia Petruchka docilmente e já não temia mais o pai como a um homem estranho; ela tinha o semblante alerta e concentrado de uma criança que fazia tudo na vida com verdade e seriedade, e um coração bondoso, já que as instruções de Petruchka não a incomodavam.

— Nastka, ponha essas cascas de batata em outra vasilha, eu preciso da caneca...

Nástia obedientemente esvaziou a caneca, depois a lavou. Apressada, a mãe preparava uma torta, ideia que ela teve na última hora, feita sem fermento e para levar ao forno, cujo fogo Petruchka já havia acendido.

— Vamos, mãe, vamos logo! — comandou Petruchka.
— O forno já está pronto, você está vendo. Está fazendo cera, stakhanovista!²

— Já vai, Petruchka, já vai — a mãe disse, também obediente. — Só vou pôr as passas e pronto. Deve fazer um bom tempo que seu pai não come passas. E faz tempo que estou guardando estas aqui.

2 Do Movimento Stakhanovista, surgido em 1935 nas minas de Donetsk, na antiga União Soviética, e que promulgava o aumento da produtividade laboral por iniciativa dos operários. O mineiro Aleksei Stakhanov, que dá nome ao movimento, tornou-se o modelo de operário depois de quebrar recordes na extração de carvão.

— Ele comeu, sim — disse Petruchka. — As nossas tropas também ganham passas. Olhe só para a cara gorda dos nossos combatentes, a ração deles é boa... Nastka, por que está parada aí? Por acaso está aqui de visita? Vamos, descasque as batatas; vamos fritá-las para o almoço... Só uma torta não alimenta uma família!

Enquanto a mãe preparava a torta, Petruchka pegou um garfo longo e colocou a panela de ferro com a sopa de repolho no forno, para não deixar o fogo queimando à toa. E, imediatamente, deu uma instrução ao próprio fogo:

— Por que não queima direito? Ora, fica se remexendo para todo lado! Se aprume aí e fique bem embaixo da panela. Está achando que as árvores para a lenha crescem à toa na floresta? E você, Nastka, por que enfiou as achas no forno assim, de qualquer jeito? Era para colocar como ensinei a você. E está de novo tirando a casca da batata com muita polpa, deve tirar só a pele... para que escavar a batata? Assim, desperdiçamos comida. Quantas vezes já falei isso a você? Agora estou falando pela última vez, se fizer de novo, leva uma pancada na cabeça!

— Por que não para de importunar a Nástia, Petruchka? — a mãe sugeriu gentilmente. — Está pensando que a menina é o quê? Acha que ela consegue descascar esse tanto de batata com mão de barbeiro, como você quer, tirando

sempre de fininho, sem nunca entrar na polpa? O seu pai acaba de voltar para casa e você com essa irritação!

— Não estou irritado, quero ser racional. Temos de dar de comer ao pai, ele chegou da guerra, e vocês ficam desperdiçando o alimento. Não imaginam a quantidade de comida que perdemos das batatas que descascamos durante um ano. Se a gente tivesse uma porca parideira, dava para cevar o bicho um ano inteiro só com essas cascas e mandá-la para exposição. Ganharíamos uma medalha. Isso podia mesmo acontecer, mas vocês não entendem!

Ivanov não sabia que tinha um filho assim. Agora, olhava para ele admirado com sua inteligência. Mas ele gostou mais da pequena e doce Nástia; que também era muito esperta e de mãozinhas ligeiras, já habituadas às tarefas. Pelo visto, foram acostumados desde cedo ao trabalho doméstico.

— E você, Liuba, por que não me diz nada? — perguntou Ivanov à mulher. — Como foi a vida enquanto eu não estava, como vai de saúde, como está no trabalho?

Então Liubov Vassílievna sentia vergonha do marido como quando era moça: havia se desacostumado dele. Quando ele se dirigia a ela, além de enrubescer, o rosto dela ganhava uma expressão de timidez e espanto já conhecida de Ivanov desde a juventude e que muito o agradava.

— Mais ou menos bem, Aliocha. Ficamos mais ou menos bem. As crianças quase não adoeceram, eu cuidei delas. O que é ruim é que só estou com eles em casa à noite. Eu trabalho na fábrica de tijolos, na prensa, e é longe para ir a pé.

— Onde é que está trabalhando? — insistiu Ivanov, que não havia entendido.

— Na fábrica de tijolos, operando a prensa. Como eu não tinha qualificação, me puseram primeiro nos serviços gerais, depois me deram treinamento e me puseram na prensa. É bom estar trabalhando, só que as crianças ficam sozinhas. Viu como eles são? Sabem fazer tudo por conta própria, são como adultos, mas eu não tenho certeza de que isso é bom, Aliocha, não tenho...

— Saberemos mais tarde, Liuba. Agora vamos viver todos juntos, depois a gente esclarece o que é bom, o que é ruim.

— Tudo vai melhorar com você aqui, porque sozinha nunca sei o que é correto, o que não é, e tenho medo de decidir. Agora você pode resolver como educar as crianças.

Ivanov se levantou e deu uns passos pela sala.

— Então, passaram mais ou menos bem, como disse. Não desanimaram, não é?

— Foi tudo bem, Aliocha, e agora já passou, suportamos bem. Só sentimos muitas saudades e medo de que você nunca mais voltasse para casa, de que morresse lá, como outros...

Ela começou a chorar sobre a torta que havia colocado numa forma de ferro e suas lágrimas gotejaram sobre a massa. Ela acabara de besuntar a superfície da torta com ovos, mas continuou deslizando a palma da mão sobre a massa, agora besuntando a torta comemorativa com suas lágrimas.

Nástia abraçou a perna da mãe e apertou o rosto contra a saia dela, lançando ao pai um olhar sério e enviesado.

O pai se inclinou até a altura dela.

— O que há com você, Nástienka? O que foi? Zangou-se comigo?

Ele a tomou nos braços e acariciou a cabeça dela.

— O que há com você, filhinha? Esqueceu completamente de mim, não foi? Você era muito pequena quando parti para a guerra...

Nástia deitou a cabeça no ombro do pai e, como a mãe, começou a chorar.

— O que foi, minha Nástienka?

— A mamãe está chorando, então eu choro também.

Petruchka, que estava um bocado perplexo diante do fogão, expôs o incômodo:

— O que há com todos vocês? Enquanto se distraem, desperdiçamos o calor do forno. Quero ver quem vai nos dar outro cupom para a lenha se tivermos que acender de novo! Estamos queimando o nosso último lote, só resta mais um

pouco no palheiro; umas dez achas e é tudo lenha de álamo. Vamos, mãe, a massa, enquanto o forno não esfria.

Petruchka retirou do forno a panela grande com a sopa de repolhos e revolveu as brasas. Liubov Vassílievna, como se quisesse agradar Petruchka, enfiou as duas formas de torta no forno, com pressa, tendo esquecido de besuntar com ovos uma delas.

Ivanov não entendeu bem a própria casa, as coisas pareciam estranhas para ele. Sua mulher era a mesma. Ainda que agora tivesse marcas de cansaço no rosto, era o rosto doce e acanhado de sempre; e os filhos eram os mesmos, os que haviam nascido dele, apenas cresceram um tanto nos anos durante a guerra, como era de ser. Mas algo impedia Ivanov de sentir a alegria da volta para casa de todo o coração — certamente havia perdido o hábito de viver em casa e não pôde entender de imediato mesmo eles, que são os mais chegados e queridos. Olhando para Petruchka, o seu primogênito que agora havia crescido, ouvindo-o dar ordens e reprimendas à mãe e à irmã, observando seu rosto sério e preocupado, reconheceu envergonhado que carecia de sentimentos paternos pelo rapazinho, que não se sentia atraído por ele como um pai deve se sentir por um filho. Ivanov se envergonhava ainda mais de sua indiferença em relação a Petruchka pela consciência de que ele, muito mais que outros, precisava de

amor e de cuidado, porque agora era penoso olhá-lo. Ivanov não sabia exatamente a vida que sua família havia vivido sem ele, e ainda não havia entendido com clareza por que Petruchka desenvolvera uma personalidade assim.

Sentado à mesa, junto à família, Ivanov percebeu o que devia fazer. Ele precisava se ocupar o mais rápido possível, começar a trabalhar para arranjar dinheiro e ajudar a esposa a criar os filhos como se deve. Então, aos poucos, tudo vai melhorar, e Petruchka vai correr com os outros meninos, sentar-se diante dos livros, e não ficar na cozinha dando ordens com um garfo de forno na mão.

Durante a refeição, Petruchka comeu menos que os outros, embora ao final tenha juntado todas as migalhas da mesa e despejado na boca.

— O que está fazendo, Piotr? — perguntou Ivanov.
— Está comendo migalhas, e nem terminou de comer seu pedaço de torta. Coma! Depois sua mãe corta mais um pedaço para você.

— Não é difícil comer tudo, mas já comi o suficiente.
— Petruchka respondeu de cenho franzido.

— Ele tem receio de que, se começar a comer muito, Nástia faça como ele e passe a comer muito também, isso o preocupa. — Liubov Vassílievna explicou em um tom muito direto.

— E vocês não se preocupam com nada — disse Petruchka, com indiferença. — Eu só quero que sobre mais para vocês.

O pai e a mãe se entreolharam e estremeceram com essas palavras do filho.

— E você, por que não está comendo? — perguntou o pai à pequena Nástia. — Está fazendo como Piotr? Coma direito ou vai ficar pequena para sempre.

— Eu já cresci um montão — disse Nástia.

Ao terminar de comer um pedaço pequeno de torta, ela afastou outro maior e o cobriu com um guardanapo.

— Por que está fazendo isso? — a mãe perguntou. — Quer que eu passe manteiga nesse pedaço para você?

— Não quero, fiquei cheia...

— Então coma assim mesmo. Por que o deixou de lado?

— O tio Semión pode chegar. Estou deixando esse para ele. Não é o de vocês, é o meu pedaço que não estou comendo. Vou por debaixo do travesseiro para não esfriar.

Nástia saiu da mesa e foi para a cama, levando consigo o pedaço de torta embrulhado no guardanapo, e lá o pôs sob o travesseiro.

A mãe se lembrou de que ela também, quando assava tortas para o Primeiro de Maio, guardava um pedaço debaixo do travesseiro para que não esfriasse antes que Semión Ievsêievitch chegasse.

— Quem é esse tio Semión? — Ivanov perguntou à mulher.

Liubov Vassílievna não sabia o que responder, então disse:

— Não sei quem ele é. Passa aqui sozinho para ver as crianças. A mulher e os filhos foram mortos pelos alemães, ele se afeiçãoou aos nossos dois e passa aqui para brincar com eles.

— Brincar com eles? — Ivanov indagou com surpresa.

— E brincam de quê? Quantos anos ele tem?

Petruchka olhou rapidamente da mãe para o pai. A mãe não disse nada em resposta ao pai, apenas olhou para Nástia com olhos tristes. Já o pai sorriu desgostoso, levantou-se e acendeu um cigarro.

— Onde é que estão os brinquedos com que esse tio Semión brinca com vocês? — logo o pai perguntou a Petruchka.

Nástia saiu da cadeira em que estava e subiu noutra, junto a uma cômoda, de cujas gavetas tirou alguns livros e os levou até o pai.

— São livros-brinquedo — Nástia disse ao pai. — O tio Semión os lê em voz alta para mim. Olhe só que engraçado o ursinho Micha, ele é brinquedo e é livro também.

Ivanov tomou nas mãos os livros-brinquedo que a filha o entregava, eles eram sobre o ursinho Micha, o canhão de

brinquedo, a casinha onde a vovó Domna morava e fiava linho com a neta.

Petruchka se lembrou de que estava na hora de fechar a saída do tubo de escape do forno ou o calor abandonaria a casa. Depois de fechar a saída de calor, disse ao pai:

— Ele é mais velho do que você, o Semión Ievsêievitch... Ele nos ajuda, deixe-o em paz.

Petruchka reparou, olhando ao acaso pela janela, que as nuvens que flutuavam no céu não eram as que deveriam estar ali em setembro.

— Que nuvens são aquelas? — espantou-se Petruchka. — São da cor de chumbo e estão com cara de que vão cobrir tudo de neve! Então o inverno pode começar já amanhã de manhã? Como é que vamos fazer? A batata ainda está toda no campo, estamos sem reserva de comida em casa. Que situação!

Ivanov ficou olhando para o filho, ouvindo suas palavras e, por último, reparou no acanhamento que lhe causava. Ele queria ter perguntado à mulher quem exatamente era esse tio Semión Ievsêievitch que há dois anos já vinha frequentando a sua família e se vinha ver mesmo Nástia ou sua graciosa esposa, mas Petruchka distraiu Liubov Vassílievna com assuntos domésticos:

— Vamos, mãe, me dê os cupons para o pão de amanhã e os cartões de registro. Os cupons de querosene também. Amanhã é o último dia e precisamos pegar carvão de lenha...

Ah, eu tinha esquecido: você não sabe onde está o alforje. Assim vamos acabar perdendo nossa cota. Procure outro alforje ou costure retalhos e faça um novo, não podemos ficar sem. E diga à Nastka que não deixe ninguém entrar no quintal para tirar água amanhã, senão vão acabar com a água do poço. Com o inverno chegando, a água vai baixar e não temos corda que dê para descer o balde até lá embaixo, e ninguém aqui quer mascar neve. E se fosse para derreter neve não teríamos lenha. Não tem jeito.

Enquanto dizia essas coisas, Petruchka guardava os utensílios da cozinha e varria ao pé do forno. Depois tirou a panela com sopa de repolho e carne de lá.

— Comemos um pouquinho de torta, agora vamos à sopa com pão — Petruchka anunciou a todos. — E você, pai, precisa passar amanhã de manhã no soviete municipal e no comissariado militar e fazer o registro para os talões de racionamento. Você entra direto na lista e a gente deve receber seus cupons mais rápido.

— Vou passar — o pai concordou obedientemente.

— Está bem. Cuidado para não dormir demais e se esquecer.

— Não, não vou me esquecer — prometeu o pai.

A primeira refeição compartilhada da família depois da guerra, sopa de repolho e carne, se fez em silêncio. Mesmo

Petruchka se manteve quieto. Era como se o pai, a mãe e os filhos temessem perturbar com uma palavra inesperada a tranquila felicidade de família reunida.

Instantes depois, Ivanov perguntou à mulher:

— E com as roupas, Liuba, como tem feito? Estão todas surradas, não?

— Estávamos usando as velhas, mas agora vamos arranjar novas — disse Liubov Vassílievna, depois sorriu. — Andei remendando o que as crianças tinham, depois cortei seu terno, suas duas calças e toda a roupa de baixo e fiz roupas para eles. Não sobrava dinheiro, você sabe, e as crianças tinham de se vestir.

— Fez bem — disse Ivanov. — O que é para os filhos não se lamenta.

— Não lamentei, até vendi o sobretudo que você me deu, agora uso um acolchoado.

— Esse acolchoado é muito curto, ela pode apanhar um resfriado andando com ele — pronunciou-se Petruchka. — Vou trabalhar de foguista na casa de banho e, quando receber, compro um sobretudo para ela. Na feira, o pessoal vende como ambulante, fui saber do preço e encontrei alguns do tamanho...

— Não, daremos um jeito sem isso, sem você, seu salário — assegurou o pai.

Depois do almoço, Nástia apoiou sobre o nariz um par de óculos bem grandes e se sentou perto da janela para cerzir as mitenes que a mãe agora usava sob as luvas no trabalho. Era outono lá fora, o tempo já havia esfriado.

Petruchka olhou para a irmã e começou a repreendê-la:

— Que brincadeira é essa? Para que botou os óculos do tio Semión?

— Não estou olhando direto para eles, estou olhando por cima.

— Agora essa! Estou vendo! Está estragando a vista, assim vai ficar cega, depois vai receber pensão e passar o resto da vida na dependência. Vamos, me dê esses óculos aqui... estou falando! E largue as mitenes aí, não precisa cerzi-las agora, a mãe faz isso depois, ou eu mesmo as pego assim que tiver um tempo. Pegue o caderno e vá cobrir os pontilhados, já nem sei quando foi a última vez que você praticou!

— Mas o quê... a Nástia já estuda?

A mãe respondeu que ela ainda não tinha idade, mas que Petruchka a mandava praticar todo dia. Ele havia comprado um caderno em que Nástia cobria figuras pontilhadas e ainda a ensinava a fazer contas, adicionando e subtraindo sementes de abóbora diante dela. O alfabeto, por sua vez, a própria Liubov Vassílievna era quem ensinava à pequena.

Nástia largou as mitenes e retirou um caderno e um estojo com canetas da gaveta da cômoda. Petruchka, satisfeito de que tudo se cumpria ordenadamente, vestiu o casaco acolchoado da mãe e foi ao quintal cortar lenha para o dia seguinte. Ele sempre trazia a lenha cortada para casa à noite e a deitava atrás do forno para secar: ela queimaria melhor se estivesse já seca.

Liubov Vassílievna preparou o jantar ainda no início da noite. Ela esperava que as crianças dormissem mais cedo para que fosse possível se sentar com o marido e falar com ele a sós. Mas as crianças ficaram acordadas por muito tempo depois do jantar. Nástia, deitada num divã de madeira, demorou-se olhando para o pai por baixo do lençol, enquanto Petruchka, que havia se deitado sobre o forno — lugar no qual sempre dormia, fosse inverno ou verão —, revirava-se, gemia, murmurava alguma coisa, e nem tão cedo se aquietou. Quando já era tarde da noite, Nástia fechou os olhos cansados de olhar e Petruchka, sobre o forno, começou a roncar.

Petruchka tinha o sono leve e costumava dormir em estado de semialerta: sempre o acompanhava o receio de que, durante a noite, poderia acontecer alguma coisa e ele não ouviria — que um incêndio começasse, que ladrões invadissem a casa ou que, no caso de sua mãe ter se esquecido de passar a tranca, a porta se entreabrisse deixando todo o

calor escapar. Dessa vez, as vozes alarmadas de seus pais, que falavam no cômodo ao lado da cozinha, o despertaram. Ele não sabia que horas eram — se meia-noite ou quase de manhã —, mas seu pai e sua mãe ainda não tinham dormido.

— Não faça barulho, Aliocha, as crianças vão acordar — a mãe disse baixinho. — Não devia falar essas coisas dele, ele é uma boa pessoa e sempre tratou seus filhos com amor.

— Não precisamos do amor dele — disse o pai. — Quem deve amar meus filhos sou eu. Ele foi se afeioar aos filhos dos outros! Coisa estranha! Sempre mandei os atestados³ para você. Além disso, se você tinha seu próprio trabalho, para que precisava dele, desse Semión Ievsêievitch? Ainda tem o sangue quente desse jeito? Oras, você, Liuba, Liuba! Eu pensava outra coisa a seu respeito, mas pelo visto você me fez de idiota.

O pai fez silêncio, depois riscou um fósforo para acender o cachimbo.

— O quê, Aliocha, o que está dizendo? — perguntou Liubov, exaltando-se. — Eu estive aqui cuidando das crianças, elas quase nunca adoeceram comigo, sempre estiveram fortes.

3 *Attestat*, no original; documento que certifica o direito de um militar ou membro de sua família de receber benefícios em dinheiro, alimentação, vestimentas etc.

— E daí? — contestou o pai. — Outras foram deixadas com quatro filhos e deram conta de tudo muito bem. Os filhos delas não são piores que os nossos. Quanto a Petruchka e o jeito que você o criou... não duvido nada de que ele, mesmo pensando como um velho, tenha se esquecido de aprender a ler.

Sobre o forno, onde estava, Petruchka suspirou e fingiu roncar para continuar ouvindo. “Velho, sim, está certo”, pensou ele, “é que eu não tinha razão garantida como você!”

— Ele aprendeu as lições mais duras e importantes da vida! — disse a mãe. — E não fica para trás na alfabetização.

— Quem é ele, esse seu Semión? E chega de jogar areia nos meus olhos — o pai ordenou furioso.

— É um homem bom.

— Você o ama, é isso?

— Aliocha, sou a mãe de seus filhos...

— Bom... além disso? Responda sem rodeios!

— Eu te amo, Aliocha. Eu sou mãe. Mulher eu fui com você, só com você, e há muito tempo. Já nem me lembro de quando foi.

O pai, fumando seu cachimbo no escuro, não disse nada.

— Senti saudades de você, Aliocha. As crianças estavam comigo, é verdade, mas não é a mesma coisa. O que mais

fiz nesses longos e terríveis anos foi esperar por você. Às vezes, eu nem sequer tinha vontade de acordar de manhã.

— Que emprego ele tem? Onde trabalha?

— Ele trabalha na nossa fábrica, na seção de abastecimento.

— Entendido. Um gatuno.

— Ele não é gatuno. Não sei. A família dele morreu toda em Mogiliov; tinha três filhos, uma filha já moça.

— Mas não importa, em troca, ele arranjou uma família já pronta, uma mulher ainda jovem, de boa aparência, de modo que ele pôde viver em aconchego novamente.

A mãe não respondeu nada. Fez-se um instante de silêncio, mas, dentro de pouco tempo, Petruchka a ouviu chorando.

— Ele falou com as crianças sobre você, Aliocha — ela retomou. Petruchka adivinhou que nos olhos dela se detinham lágrimas volumosas. — Ele disse às crianças que você estava lá combatendo e padecendo por nós. Os dois perguntaram a ele: mas por quê? Ele disse que era porque você é bom...

O pai deu uma risada e removeu a cinza do cachimbo.

— Veja só como ele é, esse seu Semión Ievsêi! Me aprova sem nunca ter me visto. Quanta personalidade!

— Ele nunca viu você. Ele inventou isso para que as crianças não esquecessem de você, para que continuassem amando o pai.

— Mas para quê? Para que estava fazendo isso? Para conquistar você mais rápido? Vá, diga, do que ele estava atrás?

— Talvez ele tenha um bom coração, Aliocha, e por isso seja assim. Por que não?

— Que idiota, você, Liuba. Desculpe dizer, mas há interesse em tudo.

— Mas Semión Ievsêievitch sempre trouxe alguma coisa para as crianças, nunca deixou de trazer. Às vezes, eram bombons; às vezes, farinha branca, açúcar... Dias atrás, ele trouxe umas botas de feltro para a Nástia, mas não serviram, eram muito pequenas. Ele nunca nos pediu coisa alguma. E nós também não precisávamos de nada, podíamos passar sem os presentes dele, estávamos acostumados, mas ele disse que se importar com os outros fazia bem à sua alma, que assim não sentia tão forte a falta da sua finada família. Você vai conhecê-lo. Ele não é o que você pensa...

— Isso tudo é um absurdo! — disse o pai. — Pare de tentar me enganar. Eu ainda quero viver, Liuba, e aqui, com você, já estou aborrecido.

— Viva conosco, Aliocha...

— Viver com vocês enquanto você estará por aí com Senka-Ievsêika?

— Não vou mais, Aliocha. Ele nunca mais virá nos ver, direi a ele para que não venha mais.

— Quer dizer que alguma coisa tinha, já que diz que não vai mais... Que mulher é você, Liuba? Aliás, vocês, mulheres, são todas assim.

— E vocês? Como são os homens? — a mãe perguntou com indignação. — O que quer dizer com “todas somos assim”? Eu não sou. Tenho trabalhado dia e noite, temos fornecido material para a alvenaria das fornalhas das locomotivas sem descanso. Meu rosto murchou, me tornei horrível, as pessoas não me reconhecem mais, não tem mais um mendigo que me peça esmola ao me ver. Foi difícil para mim também, e as crianças estão sempre sozinhas em casa. Eu chegava muitas vezes do trabalho e o forno ainda não estava aceso, nada pronto para comer, tudo escuro, as crianças amuadas; não podiam ajudar na casa como fazem agora, Petruchka ainda era muito pequeno. Foi então que Semión Ievsêievitch começou a aparecer por aqui. Ele vem e se senta um instante com as crianças. Ele vive absolutamente sozinho. “Posso visitar vocês de vez em quando?”, ele me perguntou. “Assim me esquento aqui um pouquinho.” Eu então disse a ele que aqui também estava frio e que nossa lenha estava úmida, ao que ele me respondeu: “Não tem problema, é a minha alma que está gelada, me deixe pelo menos passar um tempo aqui com seus filhos, não precisa acender o forno por mim.” Eu disse que tudo bem, que viesse. “Com você

aqui, eles vão se esquecer um pouco de ter medo.” Depois eu também me acostumei com a presença dele e todos nós nos sentíamos melhor quando ele vinha. Eu olhava para ele e pensava em você, lembrava que nós tínhamos você... Era tão triste sem você, Aliocha, tão difícil. Era melhor que viesse alguém nos visitar, assim não seria tão aborrecido e o tempo passaria mais rápido. De que nos servia o tempo se você não estava aqui?

— E depois? O que aconteceu depois? — perguntou o pai, apressando-a.

— Depois não aconteceu nada. Agora você está de volta, Aliocha.

— Bom, está bem, então, se é assim — disse o pai. — Está na hora de dormir.

Mas a mãe pediu ao pai:

— Espere um pouco para ir dormir. Vamos conversar, estou tão feliz com você aqui.

“Não tem meio de se aquietarem”, pensava Petruchka, deitado sobre o forno. “Fizeram as pazes, já está bom; ela precisa acordar para ir trabalhar de manhã cedo e ainda está de pé. Ela parou de chorar. Que bom, mas resolveu se alegrar na hora errada.”

— Esse Semión se apaixonou por você? — perguntou o pai.

— Espere um pouco, vou cobrir a Nástia, ela costuma se descobrir dormindo e pode passar frio.

A mãe arrumou o cobertor sobre Nástia, entrou na cozinha e se deteve um instante ao lado do forno para ver se Petruchka dormia. Ele a compreendeu e começou a roncar. Quando ela saiu da cozinha, tornou a ouvir a voz dela:

— Deve ter se apaixonado, sim. Tinha olhos carinhosos quando me olhava, eu percebia; como se eu ainda fosse bonita! Tem sido difícil para ele, Aliocha, ele precisava de alguém para amar.

— Podia ter ao menos dado um beijo nele, já que era assim... — disse o pai em tom amistoso.

— Ora essa! Ele me beijou duas vezes sem que eu quisesse.

— Se você não queria, por que ele beijou?

— Não sei. Ele disse que estava pensando na mulher e ficou confuso porque me pareço um pouco com ela.

— E ele? Se parece comigo?

— Não, não se parece. Como você não existe ninguém, Aliocha, você é o primeiro e único.

— Primeiro e único? É do primeiro que se começa, mas o segundo vem logo depois.

— Foi só na bochecha que ele me beijou, não nos lábios.

— Isso não faz diferença.

— Faz diferença, sim, Aliocha. Será que realmente entende como estávamos vivendo?

— Ora, o que está dizendo? E logo a mim, que lutei durante toda a guerra, que estive mais perto da morte do que estou agora de você.

— E enquanto lutava eu estava aqui morrendo de preocupação com você, minhas mãos tremiam de tanta amargura e era preciso manter o ânimo no trabalho para alimentar as crianças e ajudar o Estado contra os inimigos fascistas.

Ela falava com calma, mas seu coração estava apertado, Petruchka sentiu pena da mãe. Ele sabia que ela havia aprendido a remendar sapatos para arrumar os dela própria, os dele e os de Nástia, para não gastar com o sapateiro, e havia consertado o fogão elétrico dos vizinhos em troca de batatas.

— Eu já não podia aguentar a vida, as saudades de você — dizia a mãe. — E se continuasse assim, teria morrido, eu sei que teria morrido, mas eu tinha as crianças... Eu precisava sentir algo diferente, Aliocha, alguma alegria para que eu pudesse ter sossego. E teve um homem que disse que me amava, ele me tratava com tanto carinho, igual a você tempos atrás.

— De quem está falando agora? Ainda desse Semión Ievsêi? — o pai perguntou.

— Não, outra pessoa. Ele é instrutor do comitê distrital do nosso sindicato, é um dos que foram evacuados.

— Ah, pro inferno! Não me importa quem ele é! O que aconteceu, afinal? Consolou você?

Petruchka nada sabia sobre esse instrutor e isso o deixou surpreso. “Olha só, mamãe andou com travessuras”, sussurrou.

— Eu não tive nada com ele, nenhuma alegria — dizia a mãe. — E depois me senti ainda pior. A minha alma foi atraída por ele porque ela estava para morrer, mas, quando ele ganhou intimidade comigo e se tornou realmente próximo a mim, fui indiferente. Naquele instante, pensei nos meus afazeres de casa e me arrependi de ter permitido que ele se aproximasse. Entendi que somente com você consigo ficar tranquila, contente, somente com você por perto posso ter sossego. Sem você estou perdida, nem pelas crianças consigo me manter. Fique com a gente, Aliocha, vamos ficar bem!

Petruchka ouviu claramente que seu pai se levantou da cama sem dizer nada, acendeu o cachimbo e foi se sentar num banquinho.

— Quantas vezes se encontrou com ele quando estavam realmente próximos? — perguntou o pai.

— Uma vez só — respondeu a mãe — e nunca mais. E quantas vezes deviam ser?

— Quantas quisesse, era assunto seu — disse o pai. — Para que foi dizer que era mãe dos nossos filhos, que só fora mulher comigo e ainda tempos atrás?

— Isso é verdade, Aliocha.

— Mas como pode ser verdade? Você não foi mulher com ele também?

— Não, não fui mulher com ele, eu queria, mas não pude... Eu tinha a sensação de que morreria sem você, eu precisava que alguém estivesse comigo, eu estava esgotada, meu coração nublado, já não era mais capaz de amar meus filhos e, por eles, você sabe, eu suportaria tudo, não pouparia o sangue que corre em minhas veias!

— Espere aí! — começou o pai. — Você diz que errou com esse seu outro Senka-Ievseika, que não teve dele nenhuma alegria, e que mesmo assim está inteira e não sucumbiu?

— Não sucumbi — sussurrou a mãe —, ainda estou inteira.

— Então está mentindo para mim! Cadê a sua verdade?

— Não sei — sussurrou a mãe. — Não sei de quase nada.

— Está bem. Mas eu sei muito, passei por mais coisas do que você — disse o pai. — Você não passa de uma biscate.

Dava para ouvir a respiração tensa e pesada do pai. A mãe então estava em silêncio.

— Bem, eu estou em casa afinal — dizia ele. — A guerra acabou e agora você me fere o coração... Pois muito bem, agora pode viver com os seus Senkas e Ievseikas! Você brincou comigo, me fez de idiota, e eu sou um homem, não um boneco...

Ainda no escuro, o pai começou a se vestir e a se se calçar. Depois acendeu a lamparina de querosene e se sentou à mesa, lugar no qual se deteve para dar corda no relógio.

— Quatro horas — ele disse a si mesmo. — Ainda está escuro... Estão certos quando dizem que mulher não falta, já esposa não se vê nenhuma.

A casa se aquietou por um instante. Nástia respirava no ritmo do sono no sofá de madeira. Petruchka, de rosto encostado ao travesseiro sobre o calor do forno, esqueceu-se de que devia roncar.

— Aliocha! — ouviu a mãe dizer em tom gentil. — Aliocha, me perdoe!

Petruchka ouviu o pai gemer, depois ouviu o ruído de vidro estalando. Por uma fresta da cortina, pôde ver que havia escurecido no quarto em que o pai e a mãe estavam, embora o fogo da lâmpada ainda ardesse. “Ele esmagou o vidro da lâmpada,” deduziu Petruchka, “mas não se veem os cacos.”

— Você cortou a mão — disse a mãe. — Está sangrando, pegue uma toalha na cômoda.

— Cale a boca! — o pai gritou. — Não aguento mais ouvir sua voz. Acorde as crianças! Acorde-os agora mesmo! Vá, não está ouvindo? Vou contar para eles que tipo de mãe eles têm! Quero que saibam!

Nástia, despertando assustada, deu um grito.

— Mamãe! — ela chamou. — Posso ir ficar com você?

Nástia gostava de ir para a cama da mãe durante a noite e se aquecer com ela debaixo do cobertor.

Petruchka sentou-se no forno, fez um meio-giro e pendurou as pernas, depois disse a todos:

— É hora de dormir! Por que me acordaram? Ainda não é dia, está escuro lá fora! Por que esse barulho e essa lâmpada acesa?

— Vá dormir, Nástia, vá, ainda está cedo. Daqui a pouco, vou eu me deitar com você — respondeu a mãe. — E você, Petruchka, fique deitado, e não fale mais.

— E por que você está falando? O que o pai quer? — retrucou Petruchka.

— O que você tem a ver com o que eu quero? — replicou o pai. — Acha que é o quê? Um sargento?

— E para que foi apertar o vidro da lâmpada? Por que está intimidando a mãe? Ela está magra, não vê? Quando comemos batatas, ela dá toda a manteiga para a Nástia e come a batata pura.

— E você sabe o que a sua mãe andava fazendo aqui, você tem ideia? — o pai gritou com voz queixosa, como criança.

— Aliocha! — Liubov Vassílievna dirigiu-se ao marido com doçura.

— Eu sei, sim! Sei de tudo! — disse Petruchka. — A mãe chorava por sua causa, esperava por você e, agora que

você chegou, ela está chorando do mesmo jeito. É você que não sabe!

— Você ainda não é capaz de entender nada! — o pai contestou furioso. — Estou feito com esse nosso rebento!

— Eu entendo tudo perfeitamente — respondeu Petruchka do forno onde estava. — É você que não entende. Nós temos o que fazer, é preciso continuar vivendo, e vocês ficam brigando como dois idiotas...

Petruchka enfim se calou, deitou a cabeça no travesseiro e, silenciosamente e sem querer, começou a chorar.

— As coisas aqui estão bem do seu jeito, pelo visto — disse o pai. — Mas agora tanto faz, pode continuar sendo o dono da casa...

Enxugando as lágrimas, Petruchka respondeu ao pai:

— Que belo pai é você, não é? Dizendo essas coisas que... E você já é grande, esteve até na guerra. Devia era ir à cooperativa dos inválidos amanhã para ver. O tio Khariton é balconista lá, ele corta o pão sem enganar ninguém no peso; também esteve na guerra e retornou para casa. Pode ir perguntar, ele conta para todo mundo e morre de rir, eu mesmo o ouvi contar: a esposa dele, Aniuta, aprendeu a dirigir e agora faz a entrega do pão. Ela é boa pessoa, nunca roubou um pedaço de pão. Também ela teve um amigo, ia lá, ficava com ele, que oferecia a ela uma comida, uma bebida.

Esse amigo dela também tem uma insígnia, na guerra ele perdeu um braço, mas agora é o responsável pela loja onde a gente troca os cupons por roupas e calçados...

— Deixe de falar besteiras e volte a dormir, que é melhor — disse a mãe. — Daqui a pouco, começa a clarear.

— Mas vocês não me deixam dormir... E ainda falta muito para amanhecer. Esse que não tem braço se tornou amigo de Aniuta e a vida deles ficou muito boa. E Khariton estava na guerra. Depois, quando voltou para casa, começou a brigar com Aniuta. Passava o dia brigando com ela, à noite bebia vodca e comia petiscos, mas Aniuta só chorava, não comia nada. Ele brigava tanto que chegava a cansar, mas depois, quando deixava de atormentar Aniuta, dizia a ela: “Por que andou só com o maneta? Pois foi burra, porque eu, quando estava por aí sem você, andei com uma Glachka, com uma Aproska, com uma Marússia, com uma xará sua, Aniuchka, e de quebra ainda teve uma Magdalinka.” Dizia isso e ria. A tia Aniuta também ria, depois começava a elogiar o tio Khariton, dizia que ele era um homem bom, que não tinha melhor em parte alguma, que tinha matado os fascistas e que eram tantas mulheres atrás dele que ele nem podia dar conta. O tio Khariton nos contava tudo isso enquanto cortava os pães um a um, no balcão da loja. Agora estão vivendo em paz, a vida deles está boa. Depois o tio Khariton começava a

rir de novo e dizia: “Enganei a minha Aniuta, eu não andei com ninguém, nem com Glachka, nem com Aniuchka, nem com Aproska, e, de quebra, não teve Magdalinka também. O soldado é filho da pátria, ele não tem tempo para brincar, seu coração está voltado para a batalha contra o inimigo. Só disse isso para assustar Aniuta...” Vá se deitar, pai, e apague a lâmpada. Sem vidro, o fogo solta muita fumaça.

Ivanov ouviu com espanto essa história que seu Petruchka contou. “Mas que filho da puta!”, pensou o pai sobre o filho. “Fiquei pensando se ele ia começar a falar da minha Macha...”

Petruchka, exausto, adormeceu e logo começou a roncar; desta vez pegou no sono de verdade. Quando despertou, já bem depois do amanhecer, assustou-se de ter dormido tanto e àquela altura do dia ainda não ter feito nada.

Em casa, não havia ninguém além de Nástia. Ela estava sentada no chão e folheava um livro com gravuras que sua mãe há muito havia comprado para ela. Examinando aquele livro, o que Nástia fazia todos os dias, porque não havia outro, corria o dedo pelas letras como se lesse.

— Por que está sujando o livro já de manhã? Ponha-o no lugar! — ordenou Petruchka a irmã. — Onde está a mãe, foi para o trabalho?

— Sim, pro trabalho — Nástia respondeu calmamente e fechou o livro.

— E o pai, onde é que se meteu? — Petruchka lançou um olhar em volta, examinando a cozinha, o quarto e toda a casa. — Ele levou o alforje?

— Levou o alforje dele, sim — respondeu Nástia.

— E o que foi que ele disse a você?

— Não disse nada, me beijou na boca e nos olhos e só.

— Sei, sei — disse Petruchka e começou a matutar. — Vamos, levante-se do chão — ordenou à irmã. — Vou dar um banho e vestir uma roupa em você, nós vamos sair...

O pai deles àquela altura estava na estação. E já havia bebido meia garrafinha de vodca e almoçado no caminho, usando seus cupons de soldado. Ainda na madrugada, ele havia firmemente decidido se mandar para aquela cidade onde havia deixado Macha, para se encontrar com ela outra vez e, quem sabe, dela nunca mais se separar. Era uma pena que ele fosse tão mais velho do que aquela filha do balconista de vestiário, cujos cabelos tinham o cheiro do bosque. Mas como nunca se sabe no que vão dar as coisas, ele veria quando chegasse lá. De toda maneira, Ivanov esperava que Macha se alegrasse ao menos um pouco ao revê-lo, isso já seria o suficiente. Isso significaria que ele realmente tinha uma nova amiga, que além de tudo era linda, alegre e de bom coração. Ele veria quando chegasse lá!

Dentro de pouco tempo, chegou o trem que seguiria na direção de onde ainda ontem Ivanov havia chegado. Ele pegou o alforje e foi para a plataforma. “Macha não está à minha espera”, pensava Ivanov. “Ela me disse que, de toda maneira, eu iria esquecê-la e que nunca mais nos veríamos; e aqui estou eu, indo para ficar com ela para sempre.”

Ao subir no trem, Ivanov ficou no patamar à entrada do vagão; assim, quando o trem partisse, ele poderia olhar pela última vez para a cidadezinha onde vivera antes da guerra e onde nasceram seus filhos. Em particular, ele queria ver mais uma vez a casa que estava deixando. A rua em que ela ficava dava na estrada que o trem cruzaria e dali, na entrada do vagão, seria possível avistá-la.

O trem partiu, passando lentamente pelas setas de comutação dos trilhos para adentrar os campos vazios de outono. Ivanov segurou o corrimão e, do patamar do vagão, olhou para as casinhas, os prédios, os galpões e a torre de vigia dos bombeiros da cidade que até então era a sua. Ele reconheceu à distância duas chaminés altas: uma da fábrica de sabão e outra da fábrica de tijolos, onde estava Liuba então, trabalhando na prensa. Ela agora viveria como bem quisesse, pois ele também viveria como bem quisesse. Talvez pudesse perdoá-la, mas de que adiantaria? Seu coração havia se enfurecido contra ela, nele não havia perdão a

uma mulher que tinha beijado e vivido com outro só para não ficar sozinha no tempo da guerra, só para que não lhe fosse tediosa a ausência do marido. E isso de Liuba ter se aproximado de seu Semión ou Ivseï ou mais quem fosse só porque para ela estava difícil viver, porque a monotonia e a necessidade a torturavam, isso, antes de ser justificativa, era a confirmação de seus sentimentos. Todo amor surge do tédio e da necessidade; uma pessoa que nunca precisasse de nada nem sofresse de tédio jamais amaria outra.

Ivanov estava prestes a passar da soleira para o interior do vagão para se deitar e dormir. Já não queria mais olhar uma última vez para a casa onde vivera e onde ficaram seus filhos; seria atormentar-se à toa. Ele olhou para fora a fim de ver se ainda faltava muito para o cruzamento e deu de cara com ele. Era o ponto em que a linha férrea cortava a estrada de terra que levava à cidade. Na estrada, viam-se feixes de capim e tufo de feno caídos das carroças, além de varas de salgueiro e esterco de cavalo. Quando não era um dos dois dias de feira que havia na semana, dificilmente se via alguém por ali; vez ou outra passava um camponês de ida para a cidade conduzindo uma carroça carregada de feno, ou de volta para a aldeia. Era como a estrada estava: vazia como de costume. A única coisa que se avistava eram duas crianças correndo ao longe, do lado da cidade, pela

rua que dava na estrada. Uma delas, a que era um pouco maior, puxava a menor pela mão para que ela corresse mais depressa, mas, por mais que ela se apressasse e forçasse as pernas, não conseguia acompanhar a maior. Então a maior quase a arrastava. Elas se detiveram junto à última casa da cidade e olharam para o lado da estação, considerando, talvez, se deviam ou não ir para aquele lado. Quando viram o trem de passageiros que passava pelo cruzamento, correram pela estrada na direção dele, como se de repente tivessem adotado a intenção de alcançá-lo.

O vagão em que Ivanov estava havia ultrapassado o cruzamento. Ivanov pegou o alforje do chão para entrar no vagão e dormir na parte de cima de um beliche, lugar no qual não seria incomodado por outros passageiros. E as duas crianças? Conseguiriam alcançar ao menos o último vagão do trem? Ivanov pôs a cabeça para fora e olhou para trás.

Os dois ainda corriam de mãos dadas ao longo da estrada em direção ao cruzamento. Eles caíram juntos, mas se levantaram e continuaram correndo. O maior levantou a mão que estava livre e, voltando o rosto na direção de Ivanov enquanto o trem passava, começou a acenar e apontar para si, como se estivesse chamando alguém para que retornasse para ele. Nesse instante, eles caíram juntos de novo. Ivanov conseguiu discernir que o maior estava com um pé calçado

em uma bota de feltro e o outro em uma galocha — por isso caía tanto.

Ivanov fechou os olhos a fim de não ver, nem sentir a dor das crianças que caíam extenuadas. Então ele próprio sentiu um calor no peito, como se o coração castigado que estava preso nele tivesse batido longa e inutilmente por toda a sua vida e somente agora irrompesse para a liberdade, tornando pleno de calor e estremecimento todo o seu ser. Ele de repente repassou tudo o que tinha vivido, agora de uma maneira muito mais clara e verdadeira. Ele sempre percebeu a vida dos outros através da barreira do egoísmo e do interesse próprio, agora não, tocara outra vida desimpedidamente, de coração aberto.

De pé no degrau do vagão, na traseira do trem, ele quis ver mais uma vez as crianças distantes. Agora já sabia que eram seus filhos, Petruchka e Nástia. Deviam tê-lo visto quando o trem passava pelo cruzamento, Petruchka acenara para ele, chamando-o para casa, de volta para a mãe, mas ele olhou desatento para eles, pensava em outras coisas e não reconhecera os próprios filhos.

Agora Petruchka e Nástia estavam muito atrás do trem, correndo pela faixa de areia que margeia os trilhos. Petruchka ainda segurava a pequena Nástia pela mão e a arrastava atrás

de si, quando ela não conseguia mover as pernas com rapidez suficiente para acompanhá-lo.

Ivanov lançou o alforje para fora do trem, depois desceu ao degrau mais baixo da escadinha do vagão e saltou na mesma faixa de areia pela qual seus filhos vinham correndo atrás dele.

Traduzido por Francisco de Araújo

Nasceu em Fortaleza em 1978. É Bacharel em Letras Português-Russo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou como professor de português do Brasil em Moscou e tradutor-intérprete em Angola. Como tradutor de literatura, publicou obras de Varlam Chalámov, Ievguêni Zamiátin, Anton Tchekhov, Tatiana Tolstáia e Aleksandr Soljenítsin.

ПУБЛИЧ.
БИБЛИОТ.
1981



X

SURF
Fair
Amer
Shit
Moon



Возвращение

Андрей Платонов

Даты написания: 1945 г.. Источник: А. П. Платонов. Смерти нет! Рассказы и публицистика 1941-1945 годов. — М.: Время, 2010.

Алексей Алексеевич Иванов, гвардии капитан, убывал из армии по демобилизации. В части, где он прослужил всю войну, Иванова проводили, как и быть должно, с сожалением, с любовью, уважением, с музыкой и вином. Близкие друзья и товарищи поехали с Ивановым на железнодорожную станцию и, попрощавшись там окончательно, оставили Иванова одного. Поезд, однако, опоздал на долгие часы, а затем, когда эти часы истекли, опоздал еще дополнительно. Наступала уже холодная осенняя ночь; вокзал был разрушен в войну, ночевать было негде, и Иванов вернулся на попутной машине обратно в часть. На другой день сослуживцы Иванова снова его провожали; они опять пели песни и обнимались с убывающим в знак вечной дружбы с ним, но чувства

свои они затрачивали уже более сокращенно, и дело происходило в узком кругу друзей.

Затем Иванов вторично уехал на вокзал; на вокзале он узнал, что вчерашний поезд все еще не прибыл, и поэтому Иванов мог бы, в сущности, снова вернуться в часть на ночлег. Но неудобно было в третий раз переживать проводы, беспокоить товарищей, и Иванов остался скучать на пустынном асфальте перрона.

Возле выходной стрелки станции стояла уцелевшая будка стрелочного поста. На скамейке у той будки сидела женщина в ватнике и теплом платке; она и вчера там сидела при своих вещах, и теперь сидит, ожидая поезда. Уезжая вчера ночевать в часть, Иванов подумал было: не пригласить ли и эту одинокую женщину, пусть она тоже переночует у медсестер в теплой избе, зачем ей мерзнуть всю ночь, неизвестно — сможет ли она обогреться в будке стрелочника. Но пока он думал, попутная машина тронулась, и Иванов забыл об этой женщине.

Теперь та женщина по-прежнему неподвижно находилась на вчерашнем месте. Это постоянство и терпение означали верность и неизменность женского сердца — по крайней мере, в отношении вещей и своего дома, куда эта женщина, вероятно, возвращалась.

Иванов подошел к ней: может быть, ей тоже не так будет скучно с ним, как одной.

Женщина обернулась лицом к Иванову, и он узнал ее. Это была девушка, ее звали «Маша — дочь пространщика», потому что так она себя когда-то назвала, будучи действительно дочерью служащего в бане, пространщика. Иванов изредка за время войны встречал ее, наведываясь в один БАО, где эта Маша, дочь пространщика, служила в столовой помощником повара по вольному найму.

В окружающей их осенней природе было уныло и грустно в этот час. Поезд, который должен увезти отсюда домой и Машу, и Иванова, находился неизвестно где в сером пространстве. Единственное, что могло утешить и развлечь сердце человека, было сердце другого человека.

Иванов разговорился с Машей, и ему стало хорошо. Маша была миловидна, проста душою и добра своими большими рабочими руками и здоровым, молодым телом. Она тоже возвращалась домой и думала, как она будет жить теперь новой гражданской жизнью; она привыкла к своим военным подругам, привыкла к летчикам, которые любили ее, как старшую сестру, дарили ей шоколад и называли «просторной Машей» за ее большой рост и сердце, вмещающее, как у истинной сестры, всех братьев

в одну любовь и никого в отдельности. А теперь Маше непривычно, странно и даже боязно было ехать домой к родственникам, от которых она уже отвыкла.

Иванов и Маша чувствовали себя сейчас осиротевшими без армии; однако Иванов не мог долго пребывать в уныло-печальном состоянии; ему казалось, что в такие минуты кто-то издали смеется над ним и бывает счастливым вместо него, а он остается лишь нахмуренным простачком. Поэтому Иванов быстро обращался к делу жизни, то есть он находил себе какое-либо занятие или утешение либо, как он сам выражался, простую подручную радость, — и тем выходил из своего уныния.

Он придвинулся к Маше и попросил, чтобы она по-товарищески позволила ему поцеловать ее в щеку.

— Я чуть-чуть, — сказал Иванов, — а то поезд опаздывает, скучно его ожидать.

— Только поэтому, что поезд опаздывает? — спросила Маша и внимательно посмотрела в лицо Иванова.

Бывшему капитану было на вид лет тридцать пять; кожа на лице его, обдута ветрами и загоревшая на солнце, имела коричневый цвет; серые глаза Иванова глядели на Машу скромно, даже застенчиво, и говорил он хотя и

прямо, но деликатно и любезно. Маше понравился его глухой, хриплый голос пожилого человека, его темное грубое лицо и выражение силы и беззащитности на нем. Иванов погасил огонь в трубке большим пальцем, нечувствительным к тлеющему жару, и вздохнул в ожидании разрешения. Маша отодвинулась от Иванова. От него сильно пахло табаком, сухим поджаренным хлебом, немного вином — теми чистыми веществами, которые произошли из огня или сами могут родить огонь. Похоже было, что Иванов только и питался табаком, сухарями, пивом и вином.

Иванов повторил свою просьбу.

— Я осторожно, я поверхностно, Маша... Вообразите, что я вам дядя.

— Я вообразила уже... Я вообразила, что вы мне папа, а не дядя.

— Вон как... Так вы позволите...

— Отцы у дочерей не спрашивают, — засмеялась Маша.

Позже Иванов признавался себе, что волосы Маши пахнут, как осенние павшие листья в лесу, и он не мог их никогда забыть... Отошедший от железнодорожного пути, Иванов разжег небольшой костер, чтобы приготовить яичницу на ужин для Маши и для себя.

Ночью пришел поезд и увез Иванова и Машу в их сторону, на родину. Двое суток они ехали вместе, а на третьей сутки Маша доехала до города, где она родилась двадцать лет тому назад. Маша собрала свои вещи в вагоне и попросила Иванова поудобнее заправить ей на спину мешок, но Иванов взял ее мешок себе на плечи и вышел вслед за Машей из вагона, хотя ему еще оставалось ехать до места более суток.

Маша была удивлена и тронута вниманием Иванова. Она боялась сразу остаться одна в городе, где она родилась и жила, но который стал теперь для нее почти чужбиной. Мать и отец Маши были угнаны отсюда немцами и погибли в неизвестности, а теперь остались у Маши на родине лишь двоюродная сестра и две тетки, и к ним Маша не чувствовала сердечной привязанности.

Иванов оформил у железнодорожного коменданта остановку в городе и остался с Машей. В сущности, ему нужно было бы скорее ехать домой, где его ожидала жена и двое детей, которых он не видел четыре года. Однако Иванов откладывал радостный и тревожный час свидания с семьей. Он сам не знал, почему так делал, — может быть, потому, что хотел погулять еще немного на воле.

Маша не знала семейного положения Иванова и по девичьей застенчивости не спросила его о нем. Она

доверилась Иванову по доброте сердца, не думая более ни о чем.

Через два дня Иванов уезжал далее, к родному месту. Маша провожала его на вокзале. Иванов привычно поцеловал ее и любезно обещал вечно помнить ее образ.

Маша улыбнулась в ответ и сказала:

— Зачем меня помнить вечно? Этого не надо, и вы все равно забудете... Я же ничего не прошу от вас, забудьте меня.

— Дорогая моя Маша! Где вы раньше были, почему я давно-давно не встретил вас?

— Я до войны в десятилетке была, а давно-давно меня совсем не было...

Поезд пришел, и они попрощались. Иванов уехал и не видел, как Маша, оставшись одна, заплакала, потому что никого не могла забыть, ни подруги, ни товарища, с кем хоть однажды сводила ее судьба.

Иванов смотрел через окно вагона на попутные домики городка, который он едва ли когда увидит в своей жизни, и думал, что в таком же подобном домике, но в другом городе, живет его жена Люба с детьми Петькой и Настей, и они ожидают его; он еще из части послал жене телеграмму, что он без промедления выезжает домой и желает как можно скорее поцеловать ее и детей.

Любовь Васильевна, жена Иванова, три дня подряд выходила ко всем поездам, что прибывали с запада. Она отпрашивалась с работы, не выполняла нормы и по ночам не спала от радости, слушая, как медленно и равнодушно ходит маятник стенных часов. На четвертый день Любовь Васильевна послала на вокзал детей — Петра и Настю, чтобы они встретили отца, если он приедет днем, а к ночному поезду она опять вышла сама.

Иванов приехал на шестой день. Его встретил сын Петр; сейчас Петрушке шел уже двенадцатый год, и отец не сразу узнал своего ребенка в серьезном подростке, который казался старше своего возраста. Отец увидел, что Петр был малорослый и худощавый мальчуган, но зато головастый, лобастый, и лицо у него было спокойное, словно бы уже привычное к житейским заботам, а маленькие карие глаза его глядели на белый свет сумрачно и недовольно, как будто повсюду они видели один непорядок. Одет-обут Петрушка был аккуратно: башмаки на нем были поношенные, но еще годные, штаны и куртка старые, переделанные из отцовской гражданской одежды, но без прорех — где нужно, там заштопано, где потребно, там положена латка, и весь Петрушка походил на маленького, небогатого, но исправного мужичка. Отец удивился и вздохнул.

— Ты отец, что ль? — спросил Петрушка, когда Иванов его обнял и поцеловал, приподнявши к себе. — Знать, отец!

— Отец... Здравствуй, Петр Алексеевич!

— Здравствуй... Чего ехал долго? Мы ждали-ждали.

— Это поезд, Петя, тихо шел... Как мать и Настя: живы-здоровы?

— Нормально, — сказал Петр. — Сколько у тебя орденов?

— Два, Петя, и три медали.

— А мы с матерью думали — у тебя на груди места чистого нету. У матери тоже две медали есть, ей по заслуге выдали... Что ж у тебя мало вещей — одна сумка?

— Мне больше не нужно.

— А у кого сундук, тому воевать тяжело? — спросил сын.

— Тому тяжело, — согласился отец. — С одной сумкой легче. Сундуков там ни у кого не бывает.

— А я думал — бывает. Я бы в сундуке берег свое добро — в сумке сломается и помнется.

Он взял вещевой мешок отца и понес его домой, а отец пошел следом за ним.

Мать встретила их на крыльце дома; она опять отпросилась с работы, словно чувствовало ее сердце, что

муж сегодня приедет. С завода она сначала зашла домой, чтобы потом пойти на вокзал. Она боялась — не явился ли домой Семен Евсеевич: он любит заходить иногда днем; у него есть такая привычка — являться среди дня и сидеть вместе с пятилетней Настей и Петрушкой. Правда, Семен Евсеевич никогда пустой не приходит, он всегда принесет что-нибудь для детей — конфет, или сахару, или белую булку, либо ордер на промтовары. Сама Любовь Васильевна ничего плохого от Семена Евсеевича не видела; за все эти два года, что они знали друг друга, Семен Евсеевич был добр к ней, а к детям он относился, как родной отец, и даже внимательнее иного отца. Но сегодня Любовь Васильевна не хотела, чтобы муж увидел Семена Евсеевича; она прибрала кухню и комнату, в доме должно быть чисто и ничего постороннего. А позже, завтра или послезавтра, она сама расскажет мужу всю правду, как она была. К счастью, Семен Евсеевич сегодня не явился.

Иванов приблизился к жене, обнял ее и так стоял с нею не разлучаясь, чувствуя забытое и знакомое тепло любимого человека.

Маленькая Настя вышла из дома и, посмотрев на отца, которого она не помнила, начала отталкивать его от матери, упершись руками в его ногу, а потом

заплакала. Петрушка стоял молча возле отца с матерью, с отцовским мешком за плечами; обождав немного, он сказал:

— Хватит вам, а то Настька плачет, она не понимает.

Отец отошел от матери и взял к себе на руки Настю, плакавшую от страха.

— Настька! — окликнул ее Петрушка. — Опомнись, — кому я говорю! Это отец наш, он нам родня!..

В доме отец умылся и сел за стол. Он вытянул ноги, закрыл глаза и почувствовал тихую радость в сердце и спокойное довольство. Война миновала. Тысячи верст исходили его ноги за эти годы, морщины усталости лежали на его лице, и глаза резала боль под закрытыми веками — они хотели теперь отдыха в сумраке или во тьме.

Пока он сидел, вся его семья хлопотала в горнице и на кухне, готовя праздничное угощение. Иванов рассматривал все предметы дома по порядку — стенные часы, шкаф для посуды, термометр на стене, стулья, цветы на подоконниках, русскую кухонную печь... Долго они жили здесь без него и скучали по нем. Теперь он вернулся и смотрел на них, вновь знакомясь с каждым, как с родственником, жившим без него в тоске и бедности. Он дышал устоявшимся родным запахом дома

— тлением дерева, теплом от тела своих детей, гарью на печной загнетке. Этот запах был таким же и прежде, четыре года тому назад, и он не рассеялся и не изменился без него. Нигде более Иванов не ощущал этого запаха, хотя он бывал за войну по разным странам в сотнях жилищ; там пахло иным духом, в котором, однако, не было свойства родного дома. Иванов вспомнил еще запах Маши, как пахли ее волосы; но они пахли лесною листвою, незнакомой заросшей дорогой, не домом, а снова тревожной жизнью. Что она делает сейчас и как устроилась жить по-граждански, Маша — дочь пространщика? Бог с ней...

Иванов видел, что более всех действовал по дому Петрушка. Мало того, что он сам работал, он и матери с Настей давал указания, что надо делать, и что не надо, и как надо делать правильно. Настя покорно слушалась Петрушку и уже не боялась отца, как чужого человека; у нее было живое сосредоточенное лицо ребенка, делающего все в жизни по правде и всерьез, и доброе сердце, потому что она не обижалась на Петрушку.

— Настька, опорожни кружку от картошечной шкурки, мне посуда нужна...

Настя послушно освободила кружку и вымыла ее. Мать меж тем поспешно готовила пирог-скородум,

замешанный без дрожжей, чтобы посадить его в печку, в которой Петрушка уже разжег огонь.

— Поворачивайся, мать, поворачивайся живее!
— командовал Петрушка. — Ты видишь, у меня печь наготове. Привыкла копать, стахановка!

— Сейчас, Петруша, я сейчас, — послушно говорила мать. — Я изюму положу, и все, отец ведь давно, наверно, не кушал изюма. Я давно изюм берегу.

— Он ел его, — сказал Петрушка. — Нашему войску изюм тоже дают. Наши бойцы, гляди, какие мордастые ходят, они харчи едят... Настька, чего ты села — в гости, что ль, пришла? Чисть картошку, к обеду жарить будем на сковородке... Одним пирогом семью не укормишь!

Пока мать готовила пирог, Петрушка посадил в печь большим рогаком чугунок со щами, чтобы не горел зря огонь, и тут же сделал указание и самому огню в печи:

— Чего горишь по-лохматому — ишь, во все стороны ерзаешь! Гори ровно. Грей под самую еду, даром, что ль, деревья на дрова в лесу росли... А ты, Настька, чего ты щепу как попало в печь насовала, надо уложить ее было, как я тебя учил. И картошку опять ты чистишь по-толстому, а надо чистить тонко — зачем ты мясо с картошки стругаешь: от этого у нас питание

пропадает... Я тебе сколько раз про то говорил, теперь последний раз говорю, а потом по затылку получишь!

— Чего ты, Петруша, Настю-то все беребишь, — кротко произнесла мать. — Чего она тебе? Разве сноровится она столько картошек очистить и чтоб тебе тонко было, как у парикмахера, нигде мяса не задеть... К нам отец приехал, а ты все серчаешь!

— Я не серчаю, я по делу... Отца кормить надо, он с войны пришел, а вы добро портите... У нас в кожуре от картошек за целый год сколько пищи-то пропало?.. Если б свиноматка у нас была, можно б ее за год одной кожурой откормить и на выставку послать, а на выставке нам медаль бы дали... Видали, что было бы, а вы не понимаете!

Иванов не знал, что у него вырос такой сын, и теперь сидел и удивлялся его разуму. Но ему больше нравилась маленькая кроткая Настя, тоже хлопочущая своими ручками по хозяйству, и ручки ее уже были привычные и умелые. Значит, они давно приучены работать по дому.

— Люба, — спросил Иванов жену, — ты что же мне ничего не говоришь — как ты это время жила без меня, как твое здоровье и что на работе ты делаешь?..

Любовь Васильевна теперь стеснялась мужа, как невеста: она отвыкла от него. Она даже краснела, когда

муж обращался к ней, и лицо ее, как в юности, принимало застенчивое, испуганное выражение, которое столь нравилось Иванову.

— Ничего, Алеша... Мы ничего жили. Дети болели мало, я растила их... Плохо, что я дома с ними только ночью бываю. Я на кирпичном заводе работаю, на прессу, ходить туда далеко...

— Где работаешь? — не понял Иванов.

— На кирпичном заводе, на прессу. Квалификации ведь у меня не было, сначала я во дворе разнорабочей была, а потом меня обучили и на пресс поставили. Работать хорошо, только дети одни и одни... Видишь — какие выросли. Сами все умеют делать, как взрослые стали, — тихо произнесла Любовь Васильевна. — К хорошему ли это, Алеша, сама не знаю...

— Там видно будет, Люба... Теперь мы все вместе будем жить, потом разберемся — что хорошо, что плохо...

— При тебе все лучше будет, а то я одна не знаю — что правильно, а что нехорошо, и я боялась. Ты сам теперь думай, как детей нам растить...

Иванов встал и прошелся по горнице.

— Так, значит, в общем ничего, говоришь, настроение здесь было у вас?

— Ничего, Алеша, все уже прошло, мы протерпели. Только по тебе мы сильно скучали, и страшно было, что ты никогда к нам не приедешь, что ты погибнешь там, как другие...

Она заплакала над пирогом, уже положенным в железную форму, и слезы ее закали в тесто. Она только что смазала поверхность пирога жидким яйцом и еще водила ладонью руки по тесту, продолжая теперь смазывать праздничный пирог слезами.

Настя обхватила ногу матери руками, прижалась лицом к ее юбке и исподлобья сурово посмотрела на отца.

Отец склонился к ней.

— Ты чего?.. Настенька, ты чего? Ты обиделась на меня?

Он поднял ее к себе на руки и погладил ей головку.

— Чего ты, дочка? Ты совсем забыла меня, ты маленькая была, когда я ушел на войну...

Настя положила голову на отцовское плечо и тоже заплакала.

— Ты что, Настенька моя?

— А мама плачет, и я буду.

Петрушка, стоявший в недоумении возле печной загнетки, был недоволен.

— Чего вы все?.. Настроеньем заболели, а в печке жар прогорает. Сызнова, что ль, топить будем, а кто ордер на дрова нам новый даст! По старому-то всё получили и сожгли, чуть-чуть в сарае осталось — поленьев десять, и то одна осина... Давай, мать, тесто, пока дух горячий не остыл.

Петрушка вынул из печи большой чугунок со щами и разгреб жар на поду, а Любовь Васильевна торопливо, словно стараясь поскорее угодить Петрушке, посадила в печь две формы пирогов, забыв смазать жидким яйцом второй пирог.

Странен и еще не совсем понятен был Иванову родной дом. Жена была прежняя — с милым, застенчивым, хотя уже сильно утомленным лицом, и дети были те самые, что родились от него, только выросшие за время войны, как оно и быть должно. Но что-то мешало Иванову чувствовать радость своего возвращения всем сердцем, — вероятно, он слишком отвык от домашней жизни и не мог сразу понять даже самых близких, родных людей. Он смотрел на Петрушку, на своего выросшего первенца-сына, слушал, как он дает команду и наставления матери и маленькой сестре, наблюдал его серьезное, озабоченное лицо и со стыдом признавался себе, что его отцовское чувство к этому

мальчугану, влечение к нему как к сыну недостаточно. Иванову было еще более стыдно своего равнодушия к Петрушке от сознания того, что Петрушка нуждался в любви и заботе сильнее других, потому что на него жалко сейчас смотреть. Иванов не знал в точности той жизни, которой жила без него его семья, и он не мог еще ясно понять, почему у Петрушки сложился такой характер.

За столом, сидя в кругу семьи, Иванов понял свой долг. Ему надо как можно скорее приниматься за дело, то есть поступать на работу, чтобы зарабатывать деньги, и помочь жене правильно воспитывать детей, — тогда постепенно все пойдет к лучшему, и Петрушка будет бегать с ребятами, сидеть за книжкой, а не командовать с рогачом у печки.

Петрушка за столом съел меньше всех, но подобрал все крошки за собою и высыпал их себе в рот.

— Что ж ты, Петр, — обратился к нему отец, — крошки ешь, а свой кусок пирога не доел... Ешь! Мать тебе еще потом отрежет.

— Поесть все можно, — нахмурившись, произнес Петрушка, — а мне хватит.

— Он боится, что если он начнет есть помногу, то Настя тоже, глядя на него, будет много есть, — простосердечно сказала Любовь Васильевна, — а ему жалко.

— А вам ничего не жалко, — равнодушно сказал Петрушка. — А я хочу, чтоб вам больше досталось.

Отец и мать поглядели друг на друга и содрогнулись от слов сына.

— А ты что плохо кушаешь? — спросил отец у маленькой Насти. — Ты на Петра, что ль, глядишь?.. Ешь как следует, а то так и останешься маленькой...

— Я выросла большая, — сказала Настя.

Она съела маленький кусок пирога, а другой кусок, что был побольше, отодвинула от себя и накрыла его салфеткой.

— Ты зачем так делаешь? — спросила ее мать. — Хочешь, я тебе маслом пирог помажу?

— Не хочу, я сытая стала...

— Ну, ешь так... Зачем пирог отодвинула?

— А дядя Семен придет. Это я ему оставила. Пирог не ваш, я сама его не ела. Я его под подушку положу, а то остынет...

Настя сошла со стула и отнесла кусок пирога, обернутый салфеткой, на кровать и положила его там под подушку.

Мать вспомнила, что она тоже накрывала готовый пирог подушками, когда пекла его Первого мая, чтобы пирог не остыл к приходу Семена Евсеевича.

— А кто этот дядя Семен? — спросил Иванов жену.

Любовь Васильевна не знала, что сказать, и сказала:

— Не знаю, кто такой... Ходит к детям один, его жену и его детей немцы убили, он к нашим детям привык и ходит играть с ними.

— Как играть? — удивился Иванов. — Во что же они играют здесь у тебя? Сколько ему лет?

Петрушка проворно посмотрел на мать и на отца; мать в ответ отцу ничего не сказала, только глядела на Настю грустными глазами, а отец по-недоброму улыбнулся, встал со стула и закурил папиросу.

— Где же игрушки, в которые этот дядя Семен с вами играет? — спросил затем отец у Петрушки.

Настя сошла со стула, влезла на другой стул у комода, достала с комода книжки и принесла их отцу.

— Они книжки-игрушки, — сказала Настя отцу, — дядя Семен мне вслух их читает: вот какой забавный Мишка, он игрушка, он и книжка...

Иванов взял в руки книжки-игрушки, что подала ему дочь: про медведя Мишку, про пушку-игрушку, про домик, где бабушка Домна живет и лен со внучкой прядет...

Петрушка вспомнил, что пора уже выюшку в печной трубе закрывать, а то тепло из дома выйдет.

Закрыв вьюшку, он сказал отцу:

— Он старей тебя — Семен Евсеич!.. Он нам пользу приносит, пусть живет...

Глянув на всякий случай в окно, Петрушка заметил, что там на небе плывут не те облака, которые должны плыть в сентябре.

— Чтой-то облака, — проговорил Петрушка, — свинцовые плывут — из них, должно быть, снег пойдет! Иль наутро зима спозаранку станет? Ведь что ж тогда нам делать-то: картошка вся в поле, заготовки в хозяйстве нету... Ишь положение какое!..

Иванов глядел на своего сына, слушал его слова и чувствовал свою робость перед ним. Он хотел было спросить у жены более точно, кто же такой этот Семен Евсеевич, что ходит уже два года в его семейство, и к кому он ходит — к Насте или к его миловидной жене, — но Петрушка отвлек Любовь Васильевну хозяйственными делами:

— Давай мне, мать, хлебные карточки на завтра и талоны на прикрепление. И еще талоны на керосин давай — завтра последний день, и уголь древесный надо взять, а ты мешок потеряла, а там отпускают в нашу тару, ищи теперь мешок, где хочешь, иль из тряпок новый шей, нам жить без мешка нельзя. А Настька пускай завтра к

нам во двор за водой никого не пускает, а то много воды из колодца черпают: зима вот придет, вода тогда ниже опустится, и у нас веревки не хватит бадью опускать, а снег жевать не будешь, а растапливать его — дрова тоже нужны.

Говоря свои слова, Петрушка одновременно заметал возле печки и складывал в порядок кухонную утварь. Потом он вынул из печи чугуны со щами.

— Закусили немножко пирогом, теперь щи мясные с хлебом будем есть, — указал всем Петрушка. — А тебе, отец, завтра с утра надо бы в райсовет и военкомат сходить, станешь сразу на учет — скорей карточки на тебя получим.

— Я схожу, — покорно согласился отец.

— Сходи, не забудь, а то утром проспишь и забудешь.

— Нет, я не забуду, — пообещал отец.

Свой первый общий обед после войны, щи и мясо, семья съела в молчании, даже Петрушка сидел спокойно, точно отец с матерью и дети боялись нарушить нечаянным словом тихое счастье вместе сидящей семьи.

Потом Иванов спросил у жены:

— Как у вас, Люба, с одеждой — наверно, пообносились?

— В старом ходили, а теперь обновки будем справлять, — улыбнулась Любовь Васильевна. — Я чинила на детях, что было на них, и твой костюм, двое твоих штанов и все белье твое перешила на них. Знаешь, лишних денег у нас не было, а детей надо одевать...

— Правильно сделала, — сказал Иванов, — детям ничего не жалея.

— Я не жалела, и пальто продала, что ты мне купил, теперь хожу в ватнике.

— Ватник у нее короткий, она ходит — простудиться может, — высказался Петрушка. — Я кочегаром в баню поступлю, получку буду получать и справлю ей пальто. На базаре торгуют на руках, я ходил — приценялся, там есть подходящее...

— Без тебя, без твоей получки обойдемся, — сказал отец.

После обеда Настя надела на нос большие очки и села у окна штопать материны варежки, которые мать надевала теперь под рукавицы на работе, — уже холодно стало, осень во дворе.

Петрушка глянул на сестру и осерчал на нее:

— Ты что балуешься, зачем очки дяди Семена одеда?..

— А я через очки гляжу, я не в них.

— Еще чего! Я вижу! Вот испортишь глаза и ослепнешь, а потом будешь иждивенкой всю жизнь проживать и на пенсии. Скинь очки сейчас же — я тебе говорю! И брось варежки штопать, мать сама заштопает или я сам возьмусь, когда отделаюсь. Бери тетрадь и пиши палочки, — забыла уж, когда занималась!

— А Настя что́ — учится? — спросил отец.

Мать ответила, что нет еще, она мала, но Петрушка велит Насте каждый день заниматься, он купил ей тетрадь, и она пишет палочки. Петрушка еще учит сестру счету, складывая и вычитая перед нею тыквенные семена, а буквам Настю учит сама Любовь Васильевна.

Настя положила варежку и вынула из ящика комода тетрадь и вставочку с пером, а Петрушка, оставшись доволен, что все исполняется по порядку, надел материн ватник и пошел во двор колоть дрова на завтрашний день; наколотые дрова Петрушка обыкновенно приносил на ночь домой и складывал их за печь, чтобы они там подсохли и горели затем более жарко и хозяйственно.

Вечером Любовь Васильевна рано собрала ужинать. Она хотела, чтобы дети пораньше уснули и чтобы можно было наедине посидеть с мужем и поговорить с ним. Но дети после ужина долго не засыпали; Настя,

лежавшая на деревянном диване, долго смотрела из-под одеяла на отца, а Петрушка, легший на русскую печь, где он всегда спал, и зимой и летом, ворочался там, кряхтел, шептал что-то и не скоро еще утомился. Но наступило позднее время ночи, и Настя закрыла уставшие глядеть глаза, а Петрушка захрапел на печке.

Петрушка спал чутко и настороженно: он всегда боялся, что ночью может что-нибудь случиться и он не услышит — пожар, залезут воры-разбойники или мать забудет затворить дверь на крючок, а дверь ночью отойдет, и все тепло выйдет наружу. Нынче Петрушка проснулся от тревожных голосов родителей, говоривших в комнате рядом с кухней. Сколько было времени — полночь или уже под утро, — он не знал, а отец с матерью не спали.

— Алеша, ты не шуми, дети проснутся, — тихо говорила мать. — Не надо его ругать, он добрый человек, он детей твоих любил...

— Не нужно нам его любви, — сказал отец. — Я сам люблю своих детей... Ишь ты, чужих детей он полюбил! Я тебе аттестат присылал, и ты сама работала, — зачем тебе он понадобился, этот Семен Евсеич? Кровь, что ль, у тебя горит еще... Эх ты, Люба, Люба! А я там думал о тебе другое. Значит, ты в дураках меня оставила...

Отец замолчал, а потом зажег спичку, чтобы раскурить трубку.

— Что ты, Алеша, что ты говоришь! — громко воскликнула мать. — Детей ведь я выходила, они у меня почти не болели и на тело полные...

— Ну и что же!.. — говорил отец. — У других по четверо детей оставалось, а жили неплохо, и ребята выросли не хуже наших. А у тебя вон Петрушка что за человек вырос — рассуждает, как дед, а читать небось забыл.

Петрушка вздохнул на печи и захрапел для видимости, чтобы слушать дальше. «Ладно, — подумал он, — пускай я дед, тебе хорошо было на готовых харчах!»

— Зато он все самое трудное и важное в жизни узнал! — сказала мать. — А от грамоты он тоже не отстанет.

— Кто он такой, этот твой Семен? Хватит тебе зубы мне заговаривать, — серчал отец.

— Он добрый человек.

— Ты его любишь, что ль?

— Алеша, я мать твоих детей...

— Ну дальше! Отвечай прямо!

— Я тебя люблю, Алеша. Я мать, а женщиной была давно, с тобою только, уже забыла когда.

Отец молчал и курил трубку в темноте.

— Я по тебе скучала, Алеша... Правда, дети при мне были, но они тебе не замена, и я все ждала тебя, долгие страшные годы, мне просыпаться утром не хотелось.

— А кто он по должности, где работает?

— Он служит по снабжению материальной части на нашем заводе.

— Понятно. Жулик.

— Он не жулик. Я не знаю... А семья его вся погибла в Могилеве, трое детей было, дочь уже невеста была.

— Не важно, он взамен другую готовую семью получил — и бабу еще не старую, собой миловидную, так что ему опять живется тепло.

Мать ничего не ответила. Наступила тишина, но вскоре Петрушка расслышал, что мать плакала.

— Он детям о тебе рассказывал, Алеша, — заговорила мать, и Петрушка расслышал, что в глазах ее были большие остановившиеся слезы. — Он детям говорил, как ты воюешь там за нас и страдаешь... Они спрашивали у него: а почему? А он отвечал им: потому, что ты добрый...

Отец засмеялся и выбил жар из трубки.

— Вот он какой у вас — этот Семен-Евсей! И не видел меня никогда, а одобряет. Вот личность-то!

— Он тебя не видел. Он выдумывал нарочно, чтоб дети не отвыкли от тебя и любили отца.

— Но зачем, зачем ему это? Чтоб тебя поскорее добиться? Ты скажи, что ему надо было?

— Может быть, в нем сердце хорошее, Алеша, — поэтому он такой. А почему же?

— Глупая ты, Люба. Прости ты меня, пожалуйста. Ничего без расчета не бывает.

— А Семен Евсеич часто детям приносил что-нибудь, каждый раз приносил, то конфеты, то муку белую, то сахар, а недавно валенки Насте принес, но они не годились — размер маленький. А самому ему ничего от нас не нужно. Нам тоже не надо было, мы бы, Алеша, обошлись без его подарков, мы привыкли, но он говорит, что у него на душе лучше бывает, когда он заботится о других, тогда он не так сильно тоскует о своей мертвой семье. Ты увидишь его — это не так, как ты думаешь...

— Все это чепуха какая-то! — сказал отец. — Не задуривай ты меня... Скучно мне, Люба, с тобою, а я жить еще хочу.

— Живи с нами, Алеша...

— Я с вами, а ты с Сенькой-Евсейкой будешь?

— Я не буду, Алеша. Он больше к нам никогда не придет, я скажу ему, чтобы он больше не приходил.

— Так, значит, было, раз ты больше не будешь?.. Эх, какая ты, Люба, все вы, женщины, такие.

— А вы какие? — с обидой спросила мать. — Что значит — все мы такие? Я не такая... Я работала день и ночь, мы огнеупоры делали для кладки в паровозных топках. Я стала на лицо худая, страшная, всем чужая, у меня нищий милостыни просить не станет. Мне тоже было трудно, и дома дети одни. Я приду, бывало, дома не топлено, не варено ничего, темно, дети тоскуют, они не сразу хозяйствовать сами научились, как теперь, Петрушка тоже мальчиком был... И стал тогда ходить к нам Семен Евсеевич. Придет — и сидит с детьми. Он ведь живет совсем один. «Можно, — спрашивает меня, — я буду к вам в гости ходить, я у вас отогреюсь?» Я говорю ему, что у нас тоже холодно и у нас дрова сырые, а он мне отвечает: «Ничего, у меня вся душа продрогла, я хоть возле ваших детей посижу, а топить печь для меня не нужно». Я сказала — ладно, ходите пока: детям с вами не так боязно будет. Потом я тоже привыкла к нему, и всем нам бывало лучше, когда он приходил. Я глядела на него и вспоминала тебя, что ты есть у нас... Без тебя было так грустно и плохо; пусть хоть кто-нибудь приходит, тогда не так скучно бывает и время идет скорее. Зачем нам время, когда тебя нет!

— Ну дальше, дальше что? — поторопил отец.

— Дальше ничего. Теперь ты приехал, Алеша.

— Ну что ж, хорошо, если так, — сказал отец. — Пора спать.

Но мать попросила отца:

— Обожди еще спать. Давай поговорим, я так рада с тобой.

«Никак не угомонятся, — думал Петрушка на печи, — помирились, и ладно; матери на работу надо рано вставать, а она все гуляет — обрадовалась не вовремя, перестала плакать-то».

— А этот Семен любил тебя? — спросил отец.

— Обожди, я пойду Настю накрою, она раскрывается во сне и зябнет.

Мать укрыла Настю одеялом, вышла в кухню и приостановилась возле печи, чтобы послушать — спит ли Петрушка? Петрушка понял мать и начал храпеть. Затем мать ушла обратно, и он услышал ее голос:

— Наверно, любил. Он смотрел на меня умильно, я видела, а какая я — разве я хорошая теперь? Несладко ему было, Алеша, и кого-нибудь надо было ему любить.

— Ты бы его хоть поцеловала, раз уж так у вас задача сложилась, — по-доброму произнес отец.

— Ну вот еще! Он меня сам два раза поцеловал, хоть я и не хотела.

— Зачем же он так делал, раз ты не хотела?

— Не знаю. Он говорил, что забылся и жену вспомнил, а я на жену его немножко похожа.

— А он на меня тоже похож?

— Нет, не похож. На тебя никто не похож, ты один, Алеша.

— Я один, говоришь? С одного-то счет и начинается: один, потом два.

— Так он меня только в щеку поцеловал, а не в губы.

— Это все равно — куда.

— Нет, не все равно, Алеша... Что ты понимаешь в нашей жизни?

— Как что? Я всю войну провоевал, я смерть видел ближе, чем тебя...

— Ты воевал, а я по тебе здесь обмирала, у меня руки от горя тряслись, а работать надо было с бодростью, чтоб детей кормить и государству польза против неприятелей-фашистов.

Мать говорила спокойно, только сердце ее мучилось, и Петрушке было жалко мать: он знал, что она научилась сама обувь чинить себе и ему с Настей, чтобы дорого не платить сапожнику, и за картошку исправляла электрические печки соседям.

— И я не стерпела жизни и тоски по тебе, — говорила мать. — А если бы стерпела, я бы умерла, я знаю, что

я бы умерла тогда, а у меня дети... Мне нужно было почувствовать что-нибудь другое, Алеша, какую-нибудь радость, чтоб я отдохнула. Один человек сказал, что он любит меня, и он относился ко мне так нежно, как ты когда-то давно...

— Это кто, опять Семен-Евсей этот? — спросил отец.

— Нет, другой человек. Он служит инструктором райкома нашего профсоюза, он эвакуированный...

— Ну черт с ним, кто он такой! Так что случилось-то, утешил он тебя?

Петрушка ничего не знал про этого инструктора и удивился, почему он не знал его. «Ишь ты, а мать наша тоже бедовая», — прошептал он сам себе.

Мать сказала отцу в ответ:

— Я ничего не узнала от него, никакой радости, и мне было потом еще хуже. Душа моя потянулась к нему, потому что она умирала, а когда он стал мне близким, совсем близким, я была равнодушной, я думала в ту минуту о своих домашних заботах и пожалела, что позволила ему быть близким. Я поняла, что только с тобою я могу быть спокойной, счастливой и с тобою отдохну, когда ты будешь близко. Без тебя мне некуда деться, нельзя спасти себя для детей... Живи с нами, Алеша, нам хорошо будет!

Петрушка расслышал, как отец молча поднялся с кровати, закурил трубку и сел на табурет.

— Сколько раз ты встречалась с ним, когда бывала совсем близкой? — спросил отец.

— Один только раз, — сказала мать. — Больше никогда не было. А сколько нужно?

— Сколько хочешь, дело твое, — произнес отец. — Зачем же ты говорила, что ты мать наших детей, а женщиной была только со мной, и то давно...

— Это правда, Алеша...

— Ну как же так, какая тут правда? Ведь с ним ты тоже была женщиной?

— Нет, не была я с ним женщиной, я хотела быть и не могла... Я чувствовала, что пропадаю без тебя, мне нужно было — пусть кто-нибудь будет со мной, я измучилась вся, и сердце мое темное стало, я детей своих уже не могла любить, а для них, ты знаешь, я все стерплю, для них я и костей своих не пожалею!..

— Обожди! — сказал отец. — Ты же говоришь — ошиблась в этом новом своем Сеньке-Евсейке, ты никакой радости будто от него не получила, а все-таки не пропала и не погибла, целой осталась.

— Я не пропала, — прошептала мать, — я живу.

— Значит, и тут ты мне врешь! Где же твоя правда?

— Не знаю, — шептала мать. — Я мало чего знаю.

— Ладно. Зато я знаю много, я пережил больше, чем ты, — проговорил отец. — Стерва ты, и больше ничего.

Мать молчала. Отец, слышно было, часто и трудно дышал.

— Ну вот я и дома, — сказал он. — Войны нет, а ты в сердце ранила меня... Ну что ж, живи теперь с Сенькой и Евсейкой! Ты потеху, посмешище сделала из меня, а я тоже человек, а не игрушка...

Отец начал в темноте одеваться и обуваться. Потом он зажег керосиновую лампу, сел за стол и завел часы на руке.

— Четыре часа, — сказал он сам себе. — Темно еще. Правду говорят, баб много, а жены одной нету.

Стало тихо в доме. Настя ровно дышала во сне на деревянном диване. Петрушка приткнулся к подушке на теплой печи и забыл, что ему нужно храпеть.

— Алеша! — добрым голосом сказала мать. — Алеша, прости меня!

Петрушка услышал, как отец застонал и как потом хрустнуло стекло; через щели занавески Петрушка видел, что в комнате, где были отец и мать, стало темнее, но огонь еще горел. «Он стекло у лампы раздавил, — догадался Петрушка, — а стекол нету нигде».

— Ты руку себе порезал, — сказала мать. — У тебя кровь течет, возьми полотенце в комод.

— Замолчи! — закричал отец на мать. — Я голоса твоего слышать не могу... Буди детей, буди сейчас же!.. Буди, тебе говорят! Я им расскажу, какая у них мать! Пусть они знают!

Настя вскрикнула от испуга и проснулась.

— Мама! — позвала она. — Можно я к тебе?

Настя любила приходить ночью к матери на кровать и греться у нее под одеялом.

Петрушка сел на печи, спустил ноги вниз и сказал всем:

— Спать пора! Чего вы разбудили меня? Дня еще нету, темно во дворе! Чего вы шумите и свет зажгли?

— Спи, Настя, спи, рано еще, я сейчас сама к тебе приду, — ответила мать. — И ты, Петрушка, не вставай, не разговаривай больше.

— А вы чего говорите? Чего отцу надо? — заговорил Петрушка.

— А тебе какое дело — чего мне надо? — отозвался отец. — Ишь ты, сержант какой?

— А зачем ты стекло у лампы раздавливаешь? Чего ты мать пугаешь? Она и так худая, картошку без масла ест, а масло Настьке отдает.

— А ты знаешь, что мать делала тут, чем занималась?
— жалобным голосом, как маленький, вскричал отец.

— Алеша! — кротко обратилась Любовь Васильевна к мужу.

— Я знаю, я все знаю! — говорил Петрушка. — Мать по тебе плакала, тебя ждала, а ты приехал, она тоже плачет. Ты не знаешь!

— Да ты еще не понимаешь ничего! — рассерчал отец. — Вот вырос у нас отрок.

— Я все дочиста понимаю, — отвечал Петрушка с печки. — Ты сам не понимаешь. У нас дело есть, жить надо, а вы ругаетесь, как глупые какие...

Петрушка умолк; он прилег на свою подушку и нечаянно, неслышно заплакал.

— Большую волю ты дома взял, — сказал отец. — Да теперь уж все равно, живи здесь за хозяина...

Утерев слезы, Петрушка ответил отцу:

— Эх ты, какой отец, чего говоришь, а сам старый и на войне был... Вон пойди завтра в инвалидную кооперацию, там дядя Харитон за прилавком служит, а он хлеб режет, никого не обвешивает. Он тоже на войне был и домой вернулся. Пойди у него спроси, он всем говорит и смеется, я сам слышал. У него жена Анюта, она на шофера выучилась ездить, хлеб развозит теперь, а

сама добрая, хлеб не ворует. Она тоже дружила и в гости ходила, ее угощали там. Этот знакомый ее с орденом был, он без руки и главным служит в магазине, где по единичкам промтовар выбрасывают...

— Чего ты городишь там, спи лучше, скоро светать начнет, — сказала мать.

— А вы мне тоже спать не давали... Светать еще не скоро будет. Этот без руки сдружился с Анютой, стало им хорошо житься. А Харитон на войне жил. Потом Харитон приехал и стал ругаться с Анютой. Весь день ругается, а ночью вино пьет и закуску ест, а Анюта плачет, не ест ничего. Ругался-ругался, потом устал, не стал Анюту мучить и сказал ей: чего у тебя один безрукий был, ты дура баба, вот у меня без тебя и Глашка была, и Апроська была, и Маруська была, и тезка твоя Нюшка была, и еще на добавок Магдалинка была. А сам смеется. И тетя Анюта смеется, потом она сама хвалилась — Харитон ее хороший, лучше нигде нету, он фашистов убивал и от разных женщин ему отбоя нету. Дядя Харитон все нам в лавке рассказывает, когда хлеб поштучно принимает. А теперь они живут смирно, по-хорошему. А дядя Харитон опять смеется, он говорит: «Обманул я свою Анюту, никого у меня не было — ни Глашки не было, ни Нюшки, ни Апроськи не было и Магдалинки на добавок не было,

солдат — сын отечества, ему некогда жить по-дурацки, его сердце против неприятеля лежит. Это я нарочно Анюту напугал...» Ложись спать, отец, потуши свет, чего огонь коптит без стекла...

Иванов с удивлением слушал историю, что рассказывал его Петрушка. «Вот сукин сын какой! — размышлял отец о сыне. — Я думал, он и про Машу мою скажет сейчас...»

Петрушка сморился и захрапел; он уснул теперь по правде.

Проснулся он, когда день стал совсем светлый, и испугался, что долго спал, ничего не сделал по дому с утра.

Дома была одна Настя. Она сидела на полу и листала книжку с картинками, которую давно еще купила ей мать. Она ее рассматривала каждый день, потому что другой книги у нее не было, и водила пальчиком по буквам, как будто читала.

— Чего книжку с утра пачкаешь? Положь ее на место! — сказал Петрушка сестре. — Где мать-то, на работу ушла?

— На работу, — тихо ответила Настя и закрыла книгу.

— А отец куда делся? — Петрушка огляделся по дому, в кухне и в комнате. — Он взял свой мешок?

— Он взял свой мешок, — сказала Настя.

— А что он тебе говорил?

— Он не говорил, он в рот меня и в глазки поцеловал.

— Так-так, — сказал Петрушка и задумался. — Вставай с пола, — велел он сестре, — дай я тебя умою почище и одену, мы с тобой на улицу пойдем...

Их отец сидел в тот час на вокзале. Он уже выпил двести граммов водки и пообедал с утра по талону на путевое довольствие. Он еще ночью окончательно решил уехать в тот город, где он оставил Машу, чтобы снова встретить ее там и, может быть, уже никогда не разлучаться с нею. Плохо, что он много старше этой дочери пространщика, у которой волосы пахли природой. Однако там видно будет, как оно получится, вперед нельзя угадывать. Все же Иванов надеялся, что Маша хоть немного обрадуется, когда снова увидит его, и этого будет с него достаточно; значит, и у него есть новый близкий человек, и притом прекрасный собою, веселый и добрый сердцем. А там видно будет!

Вскоре пришел поезд, который шел в ту сторону, откуда только вчера прибыл Иванов. Он взял свой вещевой мешок и пошел на посадку. «Вот Маша не ожидает меня, — думал Иванов. — Она мне говорила, что

я все равно забуду ее и мы никогда с ней не увидимся, а я к ней еду сейчас навсегда».

Он вошел в тамбур вагона и остался в нем, чтобы, когда поезд пойдет, посмотреть в последний раз на небольшой город, где он жил до войны, где у него рожались дети... Он еще раз хотел поглядеть на оставленный дом; его можно разглядеть из вагона, потому что улица, на которой стоит дом, где он жил, выходит на железнодорожный переезд и через тот переезд пойдет поезд.

Поезд тронулся и тихо поехал через станционные стрелки в пустые осенние поля. Иванов взялся за поручни вагона и смотрел из тамбура на домики, здания, сараи, на пожарную каланчу города, бывшего ему родным. Он узнал две высокие трубы вдалеке: одна была на мыловаренном, а другая на кирпичном заводе; там работала сейчас Люба у кирпичного пресса; пусть она живет теперь по-своему, а он будет жить по-своему. Может быть, он и мог бы ее простить, но что это значит? Все равно его сердце ожесточилось против нее, и нет в нем прощения человеку, который целовался и жил с другим, чтобы не так скучно, не в одиночестве проходило время войны и разлуки с мужем. А то, что Люба стала близкой к своему Семену или Евсею потому, что жить

ей было трудно, что нужда и тоска мучили ее, так это не оправдание, это подтверждение ее чувства. Вся любовь происходит из нужды и тоски; если бы человек ни в чем не нуждался и не тосковал, он никогда не полюбил бы другого человека.

Иванов собрался было уйти из тамбура в вагон, чтобы лечь спать, не желая смотреть в последний раз на дом, где он жил и где остались его дети; не надо себя мучить напрасно. Он выглянул вперед — далеко ли осталось до переезда, и тут же увидел его. Железнодорожный путь здесь пересекала сельская грунтовая дорога, шедшая в город; на этой земляной дороге лежали пучки соломы и сена, павшие с возов, ивовые прутья и конский навоз. Обычно эта дорога была безлюдной, кроме двух базарных дней в неделю; редко, бывало, проедет крестьянин в город с полным возом сена или возвращается обратно в деревню. Так было и сейчас; пустой лежала деревенская дорога; лишь из города, из улицы, в которую входила дорога, бежали вдалеке какие-то двое ребят; один был побольше, а другой поменьше, и больший, взяв за руку меньшего, быстро увлекал его за собою, а меньший, как ни торопился, как ни хлопотал усердно ножками, а не поспевал за большим. Тогда тот, что был побольше, волочил его за собою. У последнего дома города они

остановились и поглядели в сторону вокзала, решая, должно быть, идти им туда или не надо. Потом они посмотрели на пассажирский поезд, проходивший через переезд, и побежали по дороге прямо к поезду, словно захотев вдруг догнать его.

Вагон, в котором стоял Иванов, миновал переезд. Иванов поднял мешок с пола, чтобы пройти в вагон и лечь спать на верхнюю полку, где не будут мешать другие пассажиры. Но успели или нет добежать те двое детей хоть до последнего вагона поезда? Иванов высунулся из тамбура и посмотрел назад.

Двое детей, взявшись за руки, все еще бежали по дороге к переезду. Они сразу оба упали, поднялись и опять побежали вперед. Бо́льший из них поднял одну свободную руку и, обратив лицо по ходу поезда в сторону Иванова, махал рукою к себе, как будто призывая кого-то, чтобы тот возвратился к нему. И тут же они снова упали на землю. Иванов разглядел, что у бо́льшего одна нога была обута в валенок, а другая в калошу, — от этого он и падал так часто.

Иванов закрыл глаза, не желая видеть и чувствовать боли упавших обессиленных детей, и сам почувствовал, как жарко у него стало в груди, будто сердце, заключенное и томившееся в нем, билось долго и напрасно всю его

жизнь и лишь теперь оно пробилось на свободу, заполнив все его существо теплом и содроганием. Он узнал вдруг все, что знал прежде, гораздо точнее и действительней. Прежде он чувствовал другую жизнь через преграду самолюбия и собственного интереса, а теперь внезапно коснулся ее обнажившимся сердцем.

Он еще раз поглядел со ступенек вагона в хвост поезда на удаленных детей. Он уже знал теперь, что это были его дети, Петрушка и Настя. Они, должно быть, видели его, когда вагон проходил по переезду, и Петрушка звал его домой к матери, а он смотрел на них невнимательно, думал о другом и не узнал своих детей.

Сейчас Петрушка и Настя бежали далеко позади поезда по песчаной дорожке возле рельсов; Петрушка по-прежнему держал за руку маленькую Настю и волочил ее за собою, когда она не поспевала бежать ногами.

Иванов кинул вещевой мешок из вагона на землю, а потом спустился на нижнюю ступень вагона и сошел с поезда на ту песчаную дорожку, по которой бежали ему вослед его дети.

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração Regional no

Estado de São Paulo

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yasumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • ***Contos de amor de loucura e de morte*** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • ***Contos da selva*** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • ***O boneco raivoso*** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • ***O ventre de Nápoles*** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • ***A metamorfose*** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • ***Hōjōki — Anotações na solidão da cabana*** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • ***O retorno*** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • ***Gravuras cariocas*** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • ***Xingu*** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • ***Avatar*** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • ***A Bota de Ferro*** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • ***Na baía*** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • ***Livro do tigre e do raposo*** (*Kitāb Annamir wa Atṭaʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • ***Contos malévolos*** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)